

JUAN GUZMÁN CRUCHAGA E MAURO MOTA
JUAN GUZMÁN CRUCHAGA Y MAURO MOTA

Juan Guzmán Cruchaga

e

Mauro Mota

TRADUÇÃO E INTRODUÇÃO

CARLOS NEJAR, JUAN ANTONIO MASSONE

E MAXIMINO FERNÁNDEZ



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Juan Guzmán Cruchaga

&

Mauro Mota

TRADUCCIÓN E INTRODUCCIÓN

CARLOS NEJAR, JUAN ANTONIO MASSONE

Y MAXIMINO FERNÁNDEZ



ACADEMIA CHILENA DE LA LENGUA

COORDENAÇÃO DESTA OBRA
COORDENACIÓN DE ESTA OBRA
Carlos Nejar
Violeta Romero

Mauro Mota © Fundação Joaquim Nabuco
Juan Guzmán Cruchaga © Juan Guzmán Tapia

PRODUÇÃO EDITORIAL
PRODUCCIÓN EDITORIAL
Monique Cordeiro Figueiredo Mendes
REVISÃO DAS INTRODUÇÕES
REVISIÓN DE LAS INTRODUCCIONES
Gilberto Araújo
Sergio Couto y Violeta Romero

PROJETO GRÁFICO
PROYECTO GRÁFICO
Estúdio Castellani

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
EDITORACIÓN ELECTRÓNICA
Estúdio Castellani

FOTOGRAFIA DE CAPA
FOTOGRAFÍA DE CUBIERTA
Juan Guzmán Cruchaga: Acervo de Família Guzmán Tapia
Mauro Mota: Acervo ABL

Catálogo na fonte:
Biblioteca da Academia Brasileira de Letras

- G993 Guzmán Cruchaga, Juan, 1895-1979.
Juan Guzmán Cruchaga e Mauro Mota / tradução e introdução
Carlos Nejar, Juan Antonio Massone e Maximino Fernández. – Rio
de Janeiro : Academia Brasileira de Letras ; Santiago : Academia Chilena
de la Lengua, 2011.
200 p. ; 21 cm.
ISBN 978-85-7440-224-6
1. Poesia chilena. 2. Poesia brasileira. I. Mota, Mauro, 1911-1984.
II. Nejar, Carlos, 1939-. III. Massone, Juan Antonio, 1950-. IV. Título.

CDD 869.1



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

DIRETORIA DE 2011

Presidente: *Marcos Vinícios Vilaça*

Secretária-Geral: *Ana Maria Machado*

Primeiro-Secretário: *Domício Proença Filho*

Segundo-Secretário: *Murilo Melo Filho*

Tesoureiro: *Geraldo Holanda Cavalcanti*



ACADEMIA CHILENA DE LA LENGUA

DIRECTIVA DE 2011

Director: *Alfredo Matus Olivier*

Subdirectora: *Adriana Valdés Budgde*

Secretario: *José Luis Samaniego Aldazábal*

Censor: *Juan Antonio Massone del Campo*

Índice

JUAN GUZMÁN CRUCHAGA

Carlos Nejar / Juan Antonio Massone

02/03

POEMAS DE JUAN GUZMÁN CRUCHAGA

Lejana	Distante	32/33
Canción	Canção	34/35
Linos	Linhos	36/37
Chopin	Chopin	38/39
Lluvia	Chuva	40/41
A media agua del sueño	A meia água do sonho	42/ 43
Romance del alma fiel	Romance da alma fiel	44/45
Isla	Ilha	46/47
Inquietud	Inquietude	48/49
Juan Salvador	Juan Salvador	48/49
Presencia	Presença	52/53
Dolor	Dor	54/55
Yo tenía un anillo	Eu tinha um anel	54/55
Nana de la hoja	Ninar da folha	56/57
Ronda	Ronda	56/57
Cantar	Cantar	60/61

Lección de muerte	Lição de morte	60/61
Casi	Quase	62/63
Rosa de ceniza	Rosa de cinza	64/65
Doy por ganado	Dou por ganho	66/67
Aranjuez	Aranjuez	68/69
Urzainqui	Urzainqui	70/71
Terremoto	Terremoto	72/73
Nada espero	Nada espero	74/75
Adiós, a Dios, ¡Hasta Dios!	Adeus, a Deus, Até Deus!	76/77
Lo perdido	O perdido	78/79

MAURO MOTA

Maximino Fernández/Carlos Nejar 86/87

POEMAS DE MAURO MOTA

Os sapatos	Los zapatos	108/109
Elegía n.º 3	Elegía n.º 3	112/113
Cidade flutuante	Boletim sentimental da guerra	
no Recife	Ciudad fluctuante	
de guerra en Recife	Boletín sentimental	114/115
Humildade	Humildad	124/125
Velório	A mesa	126/127
A tecelã	La tejedora	130/131
A potranca	La potranca	140/141
Pássaro do Museu do Ginásio Pernambucano		
Pájaro del Museo del Gimnasio Pernambucano		142/143
Pastoral	Pastoral	144/145

As andorinhas	Las golondrinas	146/147
O cão	El can	148/149
Antilua	Antiluna	150/151
O rio	El río	152/153
O morto na cama	El muerto en la cama	154/155
Os epitáfios	Los epitafios	158/159
Os dentes	Los dientes	160/161
Soneto plumário	Soneto plumario	164/165
A semente	La semilla	166/167
A rendeira	La encajera	168/169
O espelho	El espejo	172/173
O muro	El muro	176/177
Canção	Canción	178/179
Itinerante	Itinerante	178/179
O fuzilado	El fusilado	180/181
Os inquilinos	Los inquilinos	180/181
Desenhos de bichos	Dibujos de bichos	182/183
O galo	El gallo	182/183
O galo e o cata-vento	El gallo y la veleta	184/185
Da Memória	Arte poética	186/187

Juan Guzmán Cruchaga

Juan Guzmán Cruchaga

Tradução de Carlos Nejar

JÁ HOUVE UM DESTINO FELIZ E ALTO que se chamou poesia e escolheu hospedar-se numa humanidade de solitária voz, cujo nome foi Juan Guzmán Cruchaga (Santiago, 27 de março, 1895 – Viña del Mar, 21 de julho, 1979). Na verdade, não teve de batalhar muito para ocupar os recônditos da emoção e da vibrátil sensibilidade com que a esperava o poeta.

Disponha ele de uma intimidade nunca submersa de estri-dências, ainda que agitasse os braços e os tons do silêncio como luzes em busca de amparo. Porém não era vociferação, mas grito sossegado, intenso, tão próprio de quem o frêmito e o sintoma lhe fossem inerentes e inexoráveis:

Depois, quando o nome brotou em mim, foi a principal razão de meus poemas, o desejo de sentir uma companhia.

CARLOS NEJAR, Poeta, Ficcionista e Crítico. Pertence à Academia Brasileira de Letras e Academia Brasileira de Filosofia. Traduziu Borges e Neruda, e possui livros publicados no Brasil e no Exterior.

Juan Guzmán Cruchaga

Juan Antonio Massone

ALGUNA VEZ EXISTIÓ UN DESTINO FELIZ Y ALTO que se llamó poesía y eligió hospedarse en una humanidad de soledosa voz cuyo nombre fue Juan Guzmán Cruchaga (Santiago, 27 de marzo, 1895- Viña del Mar, 21 de julio, 1979). De verdad, no tuvo que batallar demasiado para ocupar los entresijos de la emoción y la vibrátil sensibilidad con que la esperaba el poeta.

Disponía él de una intimidad nunca anegada de estridencias, aunque agitara los brazos y los tonos del silencio como luces en busca de amparo. Pero no era vociferación la suya, sino grito acallado, intenso, tan propio de quien el palpito y el síntoma le fueron inherentes e inexorables:

Después, cuando el hombre nació en mí, ha sido la principal razón de mis poemas, el deseo de sentir una compa-

JUAN ANTONIO MASSONE, nació el 20 de junio de 1950 en Santiago. Ha publicado 40 libros: poemarios, ensayos, antologías, bibliografías y textos de estudios. Individuo de Número de la Academia Chilena de la Lengua (1992).

Sempre tive um terror infantil à solidão e meu verso foi em todo o instante como uma mão desamparada que busca o calor e apoio de outra mão amiga. Cada livro meu se assemelha a um grito de solidão na noite.¹

Agitação do murmúrio e reverberante afã de ser levaram o nosso poeta a fixar sua atenção na tênue matéria, diria quase evanescente. Mais que colheria em suas volumosas contexturas, pulsou nela uma espécie de corda do ar. Não foi peculiar ao seu estilo embalar-se sobre o existente, com essa voracidade de exprimir ou de espremer os cachos maduros. Ao contrário, era um poeta dos que primeiro albergam o mundo dentro de si, para depois estabelecer com ele um acordo idiomático onde compareça, transfigurado, no transluzir da emoção e do anelo igualmente dispostos à sombra como os visos que permitem avistar esse algo mais que carregam por dentro.

Cores, melodias e as mutantes horas se afinaram muito bem com o tom recolhido da tarde, sob cujos auspícios pareceu sentir mais nítido o chamado do mundo interior. Sua atitude: a de quem escuta o silêncio e fica com o peito no estado de exalar evocações, com a segurança de conduzir em si a emoção que deixam as presenças evadidas. Nesse efeito concorreu o enlace da conjunção copulativa “e”, embargando-lhe um clima de breves transfigurações dos atos de seu falar a sós.

¹ Ivelic, Radoslav. *Juan Guzmán Cruchaga*. Santiago do Chile: Editorial do Pacífico, 1963:13.

ña. Siempre tuve un terror infantil a la soledad y mi verso ha sido en todo momento como una mano desamparada que busca el calor y apoyo de otra mano amiga. Cada libro mío me parece un grito de soledad en la noche.¹

Agitación del murmullo y reverberante afán de ser llevaron a nuestro poeta a fijar su atención en la delgada materia, diría casi evanescente. Más que cogerla en sus contexturas gruesas, pulsó una suerte de cuerdas de aire en ella. No fue propio de su estilo abalanzarse sobre lo existente, con esa voracidad de exprimir o de estrujar los gajos maduros. Al contrario, era un poeta de los que primero albergan el mundo dentro de sí, para luego establecer con ése un acuerdo idiomático en donde comparezca, transfigurado, al trasluz de la emoción y del anhelo igualmente dispuestos a la sombra como a los visos que permiten columbrar ese algo más que portan dentro.

Colores, melodías y las cambiantes horas se avinieron muy bien con el tono recogido de la tarde, bajo cuyos auspicios pareció sentir más nítido el llamado del mundo interior. Su actitud: la de quien escucha el silencio y queda con el pecho en estado de exhalar evocaciones, con la seguridad de llevar en sí la emoción que dejan las presencias evadidas. A ese efecto concurre el enlace de la conjunción copulativa “y”, embargándole un clima de leves transfiguraciones de los actos de su hablar

¹ Ivelic, Radoslav. *Juan Guzmán Cruchaga*. Santiago de Chile: Editorial del Pacífico, 1963: 13.

Assim, em sua poesia, o que murmura fala; aquilo que deixa de falar voa; e o que é voo passa.

Contudo alguém que, como o fizera Guzmán Cruchaga, procedia à base de reações compassadas de leveza e finura, pode surpreender aos desprevenidos ou aos que renegam o que, por temperamento, fica afastado dos arranhões e dos vitupérios, como o caso de sua escrita poética. Desestimou o vozerio e o projétil idiomático; em troca sentou na orla de um caminho que considera o que existe no fundo das presenças, sobretudo se já conformam um elenco de ausentes. Porque esta vida traça uma fronteira dentro do território onde goza de assento e de figuras. E nessa fronteira a antinomia de solidão/companhia, de presença/ausência, de matérias/emoções terminam por ser familiares nesta poesia. A partir desse roçar de aspectos complementares e opostos é possível ouvir o poeta aquilatar os tons e semitons com que evoca, demanda, dispõe sua atitude de homem em quem a arte poética soube fundir-se numa face de oposições.

Ao escrever, acercava o ausente, ao mesmo tempo de experimentar longínquo o recente ontem, o entusiasmo do ontem, o entusiasmo forte da ilusão e o peso do vento na luz adormecida. Valia-se – quase sempre – da estrofe tradicional, assim fora este soneto, quarteto, romance, e, em muito menor concorrência, o verso livre. Se lhe foram ofertados acordes, dóceis, suficientes, ditosas formas, porque não era a surpresa o norte almejado, mas o resguardo da emoção, o agravamento auditivo

a solas. Así, en su poesía, lo que murmura, habla; aquello que deja de hablar, vuela; y lo que es vuelo, pasa.

Pero alguien que, como lo hiciera Guzmán Cruchaga, procedía a base de reacciones acompasadas de levedad y finura, pudo sorprender a los desprevenidos o a quienes reniegan de lo que, por temperamento, queda remoto de los arañazos y de los vituperios, tal el caso de su escritura poética. Desestimó el vocerío y el proyectil idiomático; en cambio se sentó a la vera de un camino a considerar lo que existe en el fondo de las presencias, sobre todo si ya conforman un elenco de ausentes. Porque esta vida traza una frontera dentro del territorio en donde goza de asiento y de figuras. Y en esa frontera la antinomia de soledad/compañía, de presencia/ ausencia, de materias/emociones terminan por ser familiares en esta poesía. A partir de ese roce de aspectos complementarios y opuestos es posible oír al poeta, aquilatar los tonos y semitonos con que evoca, demanda, dispone su actitud de hombre en quien el arte poético supo fundir en un haz los opuestos.

Al escribir, acercaba lo ausente, al mismo tiempo de experimentar lejano el reciente ayer, el entusiasmo fuerte de la ilusión y el peso del viento en la luz adormecida. Se valía—casi siempre—de la estrofa tradicional, así fuera ésta soneto, cuarteta, romance, y, en mucha menor concurrencia, el verso libre. Se le ofrecieron acordes, dóciles, suficientes dichas formas, porque no era la sorpresa el norte procurado, sino el resguardo de la emoción, el agudizamiento auditivo capaz de

é capaz de perceber os murmúrios, a tênue voz e o resplendor onde se aquerencia o fugaz.

Se calavas invadia
o curto silêncio a água,
ao falar te pressentia
debaixo de tuas palavras.
Estás na tarde, na tarde
e estou só. A água canta
e arrastando vai reflexos,
rumores e folhas douradas .
Com as amarelas folhas
traz tua lembrança a água.²

Juan Guzmán Cruchaga não se afigura ter uma biografia propriamente dita, mas duas vidas simultâneas. Ao configurá-lo comparece sua obra líquida e luminosa, em detrimento de datas e de fatos secundários. Apesar disso, foi preciso que nascesse, que estudasse, que amasse e trabalhasse, que conhecesse outros países onde serviu, acompanhado de sua esposa dona Raquel Tapia-Caballero, em missões diplomáticas. Durante 45 anos esteve vinculado ao serviço exterior do Chile. Alguns dos países onde desempenhou sua função foram El Sal-

² “Canção”, *Quase alcançar-te por fim*. Santiago do Chile, Editorial Universitária, 1998:71.

percibir los murmullos, la tenue voz y el resplandor en donde se aquerencia lo fugaz.

Si callabas invadía
el corto silencio el agua,
si hablabas se la sentía
debajo de tus palabras.
Es en la tarde, en la tarde
y estoy solo. El agua canta
y va arrastrando reflejos,
rumores y hojas doradas.
Con las hojas amarillas
trae tu recuerdo el agua.²

Juan Guzmán Cruchaga parece que no hubiera tenido una biografía propiamente tal, sino dos vidas simultáneas. Al mentarlo comparece su obra líquida y luminosa, en desmedro de datos y de anécdotas. Sin embargo, fue preciso que naciera, que estudiara, que amara y trabajase, que conociera otros países en donde sirvió, acompañado de su esposa doña Raquel Tapia-Caballero, misiones diplomáticas. Durante 45 años estuvo vinculado al servicio exterior de Chile. Algunos de los países en donde se desempeñara fueron: El Salvador, Honduras, Guatemala,

² "Canción", *Casi hallarte por fin*. Santiago de Chile, Editorial Universitaria, 1998: 71.2

vador, Honduras, Guatemala, Argentina, México, Estados Unidos, Hong Kong, Bolívia, Inglaterra, Peru, Colômbia.

Foi membro da Academia Chilena de Língua.

Durante sua juventude, colaborou nas revistas *Azul e Musa Jovem*, ambas fundadas por Vicente Huidobro. Posteriormente, também colaborou em *Zig-Zag e Pacífico Magazine*, a par dos diários *La Nación*, *O Diário ilustrado*, *La Mañana*, *La Nación*, de Buenos Aires, e *O Expectador*, de Montevideú.

Nosso poeta foi galardoado muitas vezes, desde jovem, quando ainda cursava seus estudos escolares. Além disso, o mais importante corresponde ao que o distinguiu, em 28 de agosto de 1962, sendo o júri composto de Juan Gómez Millas, Hernán Díaz Arrieta, Fidel Araneda Bravo, Nicomedes Guzmán e Gonzalo Rojas, com a outorga do Prêmio Nacional de Literatura, prêmio que no Chile se entrega “por uma vida dedicada à literatura” e não em reconhecimento de um *livro* específico, como sucede em outros países.

Os fundamentos dados a conhecer pelo júri não deixam dúvidas em relação ao caráter intimista, delicado e de exceção que goza a criação literária deste poeta, ao afirmar que a concessão do prêmio considerou “a totalidade de sua poesia que encarna o mais fundo sentimento do íntimo e pessoal, expresso na exclusiva modalidade do ‘tom menor’, o que dá a seu verso a sonoridade e a graça da grande poesia. O melhor exemplo o temos em seu clássico poema ‘Canção’, pois tem

Argentina, México, Estados Unidos, Hong Kong, Bolivia, Inglaterra, Perú, Colombia.

Fue miembro de la Academia Chilena de la Lengua.

Durante su juventud, colaboró en las revistas *Azul* y *Musa Joven*, ambas fundadas por Vicente Huidobro. Posteriormente, lo hizo en *Zig-Zag* y *Pacífico Magazine*, aparte de los diarios *La Nación*, *El Diario Ilustrado*, *La Mañana*, *La Nación*, de Buenos Aires, y *El Espectador*, de Montevideo.

Nuestro poeta fue galardonado muchas veces, desde joven, cuando aún cursaba sus estudios escolares. Sin embargo, el más importante correspondió al que se discerniera en su favor, el 28 de agosto de 1962, cuando el jurado compuesto por Juan Gómez Millas, Hernán Díaz Arrieta, Fidel Arandena Bravo, Nicomedes Guzmán y Gonzalo Rojas, le otorgaron el Premio Nacional de Literatura, premio que, en Chile, se entrega “por una vida dedicada a la literatura” y no en reconocimiento de un *libro* específico, como sucede en otros países.

Los fundamentos dados a conocer por el jurado no dejan dudas en relación del carácter intimista, delicado y de excepción que goza la creación literaria de este poeta, al afirmar que la otorgación del premio consideró “la totalidad de su poesía que encarna lo más hondo del sentimiento de lo íntimo o personal, expresado en la exclusiva modalidad del ‘tono menor’, lo que da a su verso la sonoridad y la gracia de la gran poesía. El mejor ejemplo lo tenemos en su clásico poema ‘Canción’,

toda a beleza exigida à melhor poesia universal e que a um tempo exprime a divina paixão dos salmos bíblicos”.³

Até então, havia publicado numerosas coletâneas de poemas, especialmente. Mencionamos: *Junto ao braseiro* (1913); *O olhar imóvel* (1919); *Chopin* (1919); *Distante* (1921); *A festa do coração* (1922); *A roca dormida* (1925); *Água do céu* (1925); *Aventura* (1940); *Canção e outros poemas* (1942); *Guitarra de ausência* (1951); *Altasombra* (1958); ademais os dramas em verso: *A sombra* (1919); *A princesa que não tinha coração* (1921); *O malefício da lua* (1922); *Maria cinzenta ou a outra cara do sonho* (1952); *Sede* (1979); e de livros antológicos: *Antologia* (1962), com prólogo de Alone e pós-fácio de Salarrué, escritor salvadorenho.

Com caráter póstumo vieram a lume: *A meia água do sonho* (1989), seguido de textos devidos a Eduardo Carranza e Miguel Arteche, e de abundante iconografia; *Alma não me digas nada* (1995); *Quase alcançar-te por fim* (1998), seleção e prólogo de Juan Antonio Massone.

A aludida “Canção”, escolhida pelo júri, é um dos poemas mais notáveis, não só de Juan Guzmán Cruchaga, mas da poesia chilena. E é um clássico. Goza de perenidade e renovada memória.

³ Diaz, Miguel Angel. *Prêmios nacionais de literatura*. Santiago do Chile: União dos Escritores Americanos, 1991:133.

pues tiene toda la belleza exigida a la mejor poesía universal y que a su vez expresa la divina pasión de los salmos bíblicos”.³

Hasta aquel tiempo, había publicado numerosos poemarios, especialmente. Mencionamos: *Junto al brasero* (1913); *La mirada inmóvil* (1919); *Chopin* (1919); *Lejana* (1921); *La fiesta del corazón* (1922); *La rueda dormida* (1925); *Agua de cielo* (1925); *Aventura* (1940); *Canción y otros poemas* (1942); *Guitarra de ausencia* (1951); *Altasombra* (1958), además de los dramas en verso: *La sombra* (1919); *La princesa que no tenía corazón* (1921); *El maleficio de la luna* (1922); *María cenicienta o la otra cara del sueño* (1952); *Sed* (1979); y de libros antológicos: *Antología* (1962), con prólogo de Alone y postfacio de Salarrué, escritor salvadoreño.

Con carácter póstumo vieron la luz: *A media agua del sueño* (1989), seguido de textos debidos a Eduardo Carranza y Miguel Arteche, y de abundante iconografía; *Alma no me digas nada* (1995); *Casi hallarte por fin* (1998), selección y prólogo de Juan Antonio Massone.

La aludida “Canción”, por el jurado, es uno de los poemas más notables, no solo de Juan Guzmán Cruchaga, sino de la poesía chilena. Ya es un clásico. Goza de perennidad y renovada memoria.

³ Díaz, Miguel Ángel: *Premios nacionales de literatura*. Santiago de Chile. Unión de Escritores Americanos, 1991: 133.

Alma, não me digas nada,
que para a tua voz dormida
já está minha porta fechada

Uma lâmpada votiva
a vida inteira esperou tua vinda.
Hoje a acharás fluída.

Os frios da outonal esfera
penetraram na ferida
de minha entornada janela.
E a lâmpada tremida
deu amplidão à chama.
Hoje a acharás fluída.

Alma, não me digas nada,
que para a tua voz dormida
já está minha porta fechada.⁴

É em vão pretender acrescer algo a essa confissão coloquial da voz poética. Ainda assim, o poema convida à experiência interiorizada e sensível desse seu deslizamento anímico. Um sentimento profundo simultaneamente diáfano percorre,

⁴ In: Guzmán Cruchaga, Juan: *Antologia*. Santiago do Chile. Editorial Nascimento, 1962:37.

Alma, no me digas nada,
que para tu voz dormida
ya está mi puerta cerrada

Una lámpara encendida
esperó toda la vida tu llegada.
Hoy la hallarás extinguida.

Los fríos de la otoñada
penetraron por la herida
de mi ventana entornada.
Mi lámpara estremecida
dio una inmensa llamarada.
Hoy la hallarás extinguida.

Alma, no me digas nada,
que para tu voz dormida
ya está mi puerta cerrada.⁴

En vano pretender agregar algo a esa confesión coloquial de la voz poética. Aún así, el poema invita a la experiencia interiorizada y sensible de ese su deslizamiento anímico. Un sentimiento profundo a la vez que diáfano recorre, tenue y rotun-

⁴ *En*: Guzmán Cruchaga, Juan: *Antología*. Santiago de Chile. Editorial Nascimento, 1962: 37.

tênue e rotundo, uma certa resignação, tão melancólica como serena: essa confissão do já é tarde diz respeito à sugestiva oportunidade concedida pela existência. O aguardo de toda a vida resplandeceu naquela lâmpada que não conheceu reciprocidade a tempo, na voz adormecida da alma. Resignada tristeza ou aceitação serena? Talvez, uma e outra batem unísonas. Quem sabe a muito viva contusão do inatingido obtém sua correspondência na assimilação do desencanto, e mais ainda quando a estrofe inicial reaparece à maneira de vênua e selo de uma experiência que abrange toda a vida, ou a define numa atitude e num ritmo anímico de medida ainda que de funda frustração.

A simplicidade da sua linguagem se esquece, como se esquece uma água de vertente ou um ar limpo que é inspirado sem esforço. Não são sentidas as palavras em seu natural suceder. Nenhuma delineaia desafios semânticos específicos. E apesar disso, em sua deliquescência transportam um certo enigma, algo mais do que “fica balbuciando”, como observou São João da Cruz. Esse algo mais é simples soma, naturalidade genuína. Neste poema se cumpre aquilo que escreveu Octavio Paz: “A revelação poética implica uma busca interior.”⁵

Mais de um acerto teve Alone ao ponderar sobre este poema:

⁵ *O arco e a lira*. México. F.C.E. Terceira edição, 1972:54.

do, una cierta conformidad, tan melancólica como serena: esa confesión del ya es tarde respecto de la sugestiva oportunidad que ofrecería la existencia. La espera de toda una vida resplandeció en aquella lámpara que no conoció de reciprocidad a tiempo, en la voz dormida del alma. ¿Resignada tristeza o aceptación serena? Tal vez, una y otra laten de consuno. Quizás la muy viva magulladura de lo inalcanzado obtiene su correspondencia en la asimilación del desencanto, y más todavía cuando la estrofa inicial reaparece al modo de venia y sello de una experiencia que abarca toda la vida, o la define en una actitud y en un ritmo anímico de mesurada aunque honda frustración.

La sencillez de su lenguaje se olvida, como se olvida un agua de vertiente o un aire limpio que es inspirado sin esfuerzo. No se sienten las palabras en su natural suceder. Ninguna plantea desafíos semánticos específicos. Y, sin embargo, en su delicuescencia transportan un cierto enigma, algo más que “queda balbuciendo”, como dijera San Juan de la Cruz. Y ese algo más es sencillez suma, naturalidad genuina. En este poema se cumple aquello que escribiera Octavio Paz: “La revelación poética implica una búsqueda interior”.⁵

Más de un acierto tuvo Alone al ponderar este poema:

⁵ *El arco y la lira*. México. F.C.E. Tercera edición, 1972: 54.

Dentro de duzentos anos, quando nossa agitação literária houver passado e estiver morta, quando não forem as bibliotecas senão montes de papel ou de quem sabe que ‘material impresso’, é muito possível que a breve Canção, imperecível, continue alçando voo no espírito das gerações sua ‘ánimula, vágula, blándula’, junto à mesma lâmpada.⁶

Porém, não só “Canção”, este poema – posto que com igual substantivo intitulou vários outros, conquistou um assento na melhor antologia que faz o tempo e referenda a emoção na memória. Juan Guzmán Cruchaga alcançou uma obra cuja estética poderia qualificar-se de suave e autêntica melodia do solilóquio. Porque nada de fingido tem este sonhar desperto de seus textos.

Considerada em conjunto, a obra deste poeta mais que lida deveria ser escutada, no caso em que a leitura que lhe for dispensada corresponder a esse escutar com os olhos os sons de um texto, como afirmara Quevedo num famoso soneto. Atendendo a essa qualidade musical que a distingue, escrevemos sobre ela certa vez:

Obra que deixa escutar as expansões da alma, um penar incoercível a nutre. Ao acolher sons de gotas ou de estrelas, alça a matéria em braços de símbolos. Esse fator auditivo

⁶ Alone e os Prêmios Nacionais de Literatura. Santiago do Chile. DIBAM/Centro de Investigações Diego Barros Arana, 1992:212.

Dentro de doscientos años, cuando nuestra agitación literaria haya pasado y esté muerta, cuando no sea en las bibliotecas sino atados de papel o de quién sabe qué “material impreso”, es muy posible que la breve Canción, imperecedera, siga haciendo alzarse en el espíritu de las generaciones su “ánimula, vágula, blándula”, junto a la misma lámpara.⁶

Pero no sólo “Canción”, este poema – puesto que con igual sustantivo tituló varios otros –, ha conquistado un sitio en la mejor antología que hace el tiempo y refrenda la emoción en la memoria. Juan Guzmán Cruchaga legó una obra cuya estética podría calificarse de suave y auténtica melodía del soliloquio. Porque nada he hizo tiene ese soñar despierto de sus textos.

Considerada en conjunto, la obra de este poeta más que leída debería ser escuchada, salvo que la lectura que se le dispense corresponda a ese escuchar con los ojos los sonos de un texto, como dijera Quevedo en un famoso soneto. Atendiendo a esa cualidad musical que la distingue, escribimos de ella alguna vez:

Obra que deja escuchar las expansiones del alma; un penar incoercible la nutre. Al acoger sonos de gotas o de estrellas, alza la materia en brazos de símbolos. Este factor auditivo tan

⁶ Alone y los Premios Nacionales de Literatura. Santiago de Chile. DIBAM/Centro de investigaciones Diego Barros Arana, 1992: 212.

tão preclaro que a distingue, promove e transforma sua proximidade em ocasião de ressonâncias cujas fronteiras limitam mais aquém da morte, mas disfarçando toda a circunstância e sufoco. O efeito estético que oferece corresponde à criação de uma atmosfera mágica que roça a pele e enaltece o espírito. A propagação de suas vozes é um modo de contemplar com os olhos fechados. Talvez a razão de tal efeito – se é que alguma existe que possa esboçar resposta – estriba-se no caráter de solilóquio que se faz pleno diante do horizonte. Nisso se estabelece, segundo cremos, a magia delicada, o polimento dos versos e a elegância de seus ritmos que a conquistam.

Sem ser fruto de transe herméticos nem de paixões desmedidas, a poesia de Juan Guzmán Cruchaga nasce do convívio solitário do ser com sua sombra. Dirigida preferentemente à solidão, a esse transfundo espiritual onde campeiam as vésperas do sonho e a anulação de todo fragor cotidiano. Seu modo de acompanhar dista por igual da abstração ideativa como da concreção anedótica.⁷

Essa elegância capaz de nos transportar ao largo da imperceptível linha que demarca a diferença entre uma atitude ou outra, entre um ato positivo e seu oposto, consigna uma execução poeticamente feliz no soneto “Quase”.

⁷ Massone, Juan Antonio: *Quase alcançar-te por fim, op cit.*, p. 18.

preclaro que la distingue, promueve y transforma su cercanía en ocasión de resonancias cuyas fronteras limitan más acá de la muerte, pero rebosantes de toda circunstancia y sofoco. El efecto estético que regala corresponde a la creación de una atmósfera mágica que roza la piel y enaltece el espíritu. La propagación de sus voces es un modo de contemplar con los ojos cerrados. Quizás la razón de tal efecto—si es que alguna existe que pueda esbozar respuesta—estribe en el carácter de soliloquio que lleva a cabo en frente de todo horizonte. En ello asienta, según creemos, la magia delicada, la tersura de los versos y la galanura de sus ritmos que la ganan.

Sin ser fruto de trances herméticos ni de pasiones desmedidas, la poesía de Juan Guzmán Cruchaga nace del convivio solitario del ser con su sombra. Dirigida preferentemente a la soledad, a ese trasfondo espiritual donde campean las vísperas del sueño y la anulación de todo fragor cotidiano. Su modo de acompañar dista por igual de la abstracción ideativa como de la concreción anecdótica.⁷

Esa galanura capaz de llevarnos a lo largo de la imperceptible línea que demarca la diferencia entre una actitud u otra, entre un acto positivo y su opuesto, consigue una hechura poéticamente feliz en el soneto “Casi”.

⁷ Massone, Juan Antonio: *Casi hallarte por fin*, op cit, p. 18.

Habitar o apenas vital, encaminhar os passos da consciência por uma vereda onde as cabalísticas retêm bordas inefáveis, ou se leva ao termo o encontro dos opostos fundidos, abraçados e inseparáveis, ainda que ineludivelmente incompletos e vagamente precisos, confere ao poema a graça maior de reunir o longínquo presente numa concreção de iminências apenas latentes, não exercidas, fugidias.

Quase alcançar-te enfim, quase o corte.

Quase ignorar, Amor, que te queria.

Quase desolação, quase alegria:
a suma ventura e a desventura forte.

Quase obscura desgraça, quase sorte.

Quase abandono, quase companhia.

Quase heroísmo, quase covardia.

Quase vida imortal e quase morte.

Fronteira da noite e da estrela;
toda a luz, toda a sombra sobre ela!
Quase no eterno, quase de passada.

Quase despossuído, quase dono.

Quase na realidade, quase em sonho.

Dono de quase tudo e quase nada.⁸

⁸ Guzmán Cruchaga, Juan. *Antologia*, p. 238.

Habitar el apenas vital, endilgar los pasos de la consciencia por un sendero en donde las cabalidades retienen bordes inefables, o se lleva al cabo el encuentro de los opuestos fundidos, abrazados e inseparables, aunque ineludiblemente incompletos y vagamente precisos, confiere al poema la gracia mayor de reunir el lejano presente en una concreción de inminencias solo latentes, no ejercidas, huidizas.

Casi hallarte por fin, casi perderte.

Casi ignorar, Amor, que te quería.

Casi desolación, casi alegría:

la dicha suma y la desdicha fuerte.

Casi oscura desgracia, casi suerte.

Casi abandono, casi compañía.

Casi heroísmo, casi cobardía.

Casi vida inmortal y casi muerte.

Frontera de la noche y de la estrella;

Toda la luz, toda la sombra en ella!

Casi en lo eterno, casi de pasada.

Casi desposeído, casi dueño.

Casi en la realidad, casi en el sueño.

Dueño de casi todo y casi nada.⁸

⁸ Guzmán Cruchaga, Juan: *Antología*: 238.

A epígrafe de Miguel Hernández: “*Gran-Todo-de-la-nada-de-los-casi*”, anuncia aquela realidade inteiriça desse “Quase”, como se o estar a ponto da não culminada soberania do sentimento e da atitude correspondesse a uma reticência mais bem vinda da condição humana que da vontade. A voz poética esconde a redondeza ao largo do texto, mas estampa sua conclusão bifronte no verso posterior.

Que maneira de exprimir tão simples e tão contundente o efetivo patrimônio sobre o que rege uma pessoa!

Nem a perfeição nem a plenitude gozam do assento nem de conquista suma. “O maior bem é pequeno”, escreveu Calderón; o maior logro das ações é um quase, revela nosso poeta.

Sendo, pois, a existência um dinâmico estado onde gira e comove a fragilidade, sua permanência é, no entanto, apenas uma. Como assestar um seguro proceder no peito da inquietante realidade?

Por fim, a aceitação dessa fuga permanente da vida pode ser apreendida só na atitude de entrega disponível a uma verdade maior, cifra visível aos olhos do espírito, como o é toda a perda gananciosa. Unicamente então pode-se saber que toda compreensão lhe é imprescindível, para ser lograda, o amanhecer da alma, quando esta aceita reconciliar-se em sua qualidade de criatura, nunca de governante do enigma nem de peça autônoma da existência.

E, precisamente, esse perder ganhando que tempos conjecturado é o núcleo esclarecido de viver que expressa o poeta no texto com que inicia *Sede*, seu derradeiro livro.

El epígrafe de Miguel Hernández: “*Gran-Todo-de-la-nada-de-los-casi*”, anuncia aquella realidad enteriza de ese “Casi”, como si el estar a punto de la no culminada soberanía del sentimiento y de la actitud correspondiera a una reticencia mejor venida de la condición humana que de la voluntad. La voz poética esconde la rotundidad a lo largo del texto, pero estampa su conclusión bifronte en el verso postrero.

¡Qué manera de expresar tan sencilla y tan contundente el efectivo patrimonio sobre el que impera una persona!

Ni la perfección ni la plenitud gozan de asiento ni de conquista suma. “El mayor bien es pequeño”, escribió Calderón; el mayor logro de las acciones es un casi, revela nuestro poeta.

Siendo, pues, la existencia un dinámico estado en el que gira y conmociona la fragilidad, su permanencia es sólo un todavía. ¿Cómo asestar un seguro proceder en el pecho de la inquietante realidad?

Al fin, la aceptación de esa fuga permanente de la vida puede ser aprehendida solo en la actitud de entrega disponible a una verdad mayor, cifra visible a los ojos del espíritu, como es todo perdimiento ganancioso. Únicamente entonces se puede saber que a toda comprensión le es imprescindible, para ser alcanzada, el amanecer del alma, cuando ésta acepta reconciliarse en su calidad de creatura, nunca de gobernante del enigma ni de pieza autónoma de la existencia.

Y, precisamente, ese perder ganando que hemos mentado, es el núcleo esclarecido de vivir que expresa el poeta en el texto con que inicia *Sed*, su último libro.

Dou por ganho todo o perdido
e por já recebido o esperado
e por vivido todo o sonhado
e por sonhado todo o vivido.

A mais viva angústia foi ao olvido.
Do sonho feliz não despertado
E agradeço a pena que me têm dado
Que em flor de brandura hei convertido.

A tristeza queimante do passado
Tem uma cor de sonho parecido
Ao do escape do amor que foi logrado.

E é que a ânsia e inquietude têm-se ido
Ao recordar que o céu tão prometido
Começa com a ferida no costado.⁹

Os poemas podem ser – creio que o são – possibilidades de encontro consigo. Por isso requerem ser lidos com naturalidade de assombro e de achado matinal. Noite e dor, assim como a experiência de morte e injustiça, não diferem de outros motivos aos que se lhe atribui uma dignidade lírica eminente, como pode tê-lo a afetividade ou a contemplação gozo-

⁹ Edições Universitárias de Valparaíso, 1979:9.

Doy por ganado todo lo perdido
y por ya recibido lo esperado
y por vivido todo lo soñado
y por soñado todo lo vivido.

La más viva congoja eché al olvido.
Del sueño más feliz no he despertado
Y agradezco la pena que me han dado
Que en flor de suavidad se ha convertido.

La tristeza quemante del pasado
Tiene un color de sueño parecido
Al de la fuga del amor logrado.

Y es que el ansia y la inquietud se han ido
Al recordar que el cielo prometido
Comienza por la herida del costado.⁹

Los poemas pueden ser—creo que lo son—posibilidades de encuentro consigo. Por eso requieren ser leídos con naturalidad de asombro y de hallazgo matinal. Noche y dolor, así como experiencia de muerte e injusticia no difieren de otros motivos a los que se atribuye una dignidad lírica eminente, como puede tenerlo la afectividad o la contemplación gozosa

⁹ Ediciones Universitarias de Valparaíso, 1979: 9.

sa da natureza. A espera de seus segredos que são as palavras fundidas no total do poema quer satisfazer-se em alguém que lhe empreste sua própria humanidade. Por isso, a leitura é uma experiência, e não um mero ato de classificação nem de taxidermia. O poema pode dimanar seu sentido nos mais diversos significados que sustenta o eventual leitor. A única condição para desprender o aroma e a luz, a sombra subterrânea ou os ecos remotos dos tempos é que aquele leitor o faça possível em si mesmo, em qualidade de ressoante silêncio. Contrassenso? Certamente. De fato, é quase inconcebível traçar linguagem numas quantas páginas sem a participação ativa do silêncio, além de acompanhar-se de outro ato não menos estranho: a leitura desses signos. Entretanto, nos dois atos existe uma razão para torná-los reais. Os fatos passam, os consome o esquecimento e a insignificância, ou o fastio. É necessário que isso nos diga e nós o dizemos com palavras que podem fazer mais perduráveis a caducidade e o sonho de plenitude que nos disputam. De uma vez, a poesia dos poemas sabe cumprir o rito urgente para que possamos continuar falando com nós mesmos.

de la naturaleza. La espera de sus secretos que son las palabras fusionadas en el total del poema quiere satisfacerse en alguien que le preste su propia humanidad. Por eso, la lectura es una experiencia, y no un mero acto de clasificación ni de taxidermia. El poema puede dimanar su sentido en los más diversos significados que aporte el eventual lector. La única condición para desprender el aroma y la luz, la sombra subterránea o los ecos remotos de los tiempos, es que aquel lector lo haga posible en sí mismo, en calidad de resonante silencio. ¿Contrasentido? Por supuesto. De hecho, es casi inconcebible trazar lenguaje en unas cuantas páginas sin la participación activa del silencio, además de acompañarse de otro acto no menos extraño: la lectura de esos signos. Pero en ambos actos existe una razón para hacerlos reales. Los hechos pasan, los consume el olvido y la insignificancia, o el hastío. Es necesario que eso nos lo digan y nos lo digamos con palabras que pueden hacer más perdurables la caducidad y el sueño de plenitud que nos disputan. De una vez, la poesía de los poemas sabe cumplir el rito urgente para que podamos continuar hablando con nosotros.

POEMAS DE
Juan Guzmán Cruchaga

LEJANA

I

Noche de lluvia. Perfume
Triste de tierra mojada.
Mi corazón pensativo
Se envolvía en tu fragancia.

Bajo la sombra la inmensa
Comprensión de tu mirada
Que en mis ensueños caía
Como una música mansa.

Noche de lluvia. Tu voz
Se unía a la voz del agua:
Canción de cuna amorosa
Para mi antigua nostalgia.

“Buenas noches” ¡Qué piadosa
Ternura desconsolada
Me dieron al despedirse
Tus manos desamparadas!

DISTANTE

I

Noite de chuva. Aroma
Triste de chuva molhada.
Meu coração pensativo
Se envolvia em tua fragrância.

Debaixo da sombra a imensa
Compreensão de tua mirada*
Que em meus sonhos caía
Como música abrandada.

Noite de chuva. Tua voz
Se unia à voz da água:
Canção de ninar amorosa
Para minha velha mágoa.

“Boa noite” Que piedosa
Ternura desconsolada
Deram-me ao despedir-me
Tuas mãos desamparadas!

* Mirada – Dicionário Houaiss – olhar, espiar.

CANCIÓN

Alma, no me digas nada,
que para tu voz dormida
ya está mi puerta cerrada.

Una lámpara encendida
esperó toda la vida
tu llegada.
Hoy la hallarás extinguida.

Los fríos de la otoñada
penetraron por la herida
de la ventana entornada.
Mi lámpara estremecida
dio una inmensa llamarada.

Hoy la hallarás extinguida.

Alma, no me digas nada,
que para tu voz dormida
ya está mi puerta cerrada.

CANÇÃO

Alma, não me digas nada,
que para tua voz dormida
minha porta já está fechada.

Uma lâmpada votiva
esperou toda a vida
tua vinda.
Hoje a acharás fluída.

Os frios da outonal esfera
penetraram na ferida
da entornada janela.
Minha lâmpada tremida
deu amplidão à chama.

Hoje a acharás fluída.

Alma, não me digas nada,
que para a tua voz dormida
minha porta já está fechada.

LINOS

Linos de ensueños lejanos
y anhelos de primavera
nacieron bajo tus manos
milagrosas, hilandera.

Linos de melancolía
en la quietud de las salas
donde el sol languidecía,
y cobardía en las alas.

Linos de renunciamento
y albas sendas luminosas,
las quimeras en el viento
y el pensamiento en las rosas.

Linos de oro, linos de oro
del amor que floreciera
las joyas de su tesoro
bajo la noche extranjera.

Linos de nieve y angustia,
linos de sombra en mi vida:
el ensueño que se mustia
y sufre en la despedida.

LINHOS

Linhos de sonhos remotos
e anseios de primavera
brotaram sob tuas mãos
miraculosas, fiandeira.

Linhos de melancolia
na quietude das salas
onde o sol enlanguescia,
e há timidez nas asas.

Linhos de renúncia
e albas veredas luminosas,
vão as quimeras no vento
e o pensamento nas rosas.

Linhos de ouro, linhos de ouro
do amor que florescera
as joias de seu tesouro
sob a noite estrangeira.

Linhos de neve e angústia,
linhos de sombra na vida:
o sonho que se enfastia
e sofre na despedida.

Linos de nostalgia, linos
de soledad silenciosa...
va el alma por los caminos
buscando su única rosa.

CHOPIN

Música pensativa
Temblorosa de lágrimas.

En alta mar la siente
maravillosa el alma
y va con ella a lo desconocido
en una suave compañía de alas.

Linhos de nostalgia, linhos
de solidão silenciosa...
vai a alma nos caminhos
buscando uma só rosa.

CHOPIN

Música pensativa
Trêmula de lágrimas.

No alto mar presente
maravilhosa a alma
e vai com ela ao ignoto
em suave companhia de asas.

LLUVIA

A Raquel

Esta primera lluvia lejos de ti, esta lluvia,
cortinaje apagado y crujiente de gasa,
humedece los ojos azules de mis sueños,
les enfría las manos o les moja las alas.

Voces emparedadas en el sueño más hondo
preguntan a las rosas, al silencio y al agua
por ella y los rosales se mueren de no verla
y la lluvia suspira sin poder encontrarla.

Esta primera lluvia, silenciosa, esta lluvia
es un velo de sombra, de tiempo y de distancia.
Detrás de ella se hielan más lejanos los muertos
y se pierden los vivos en un bosque de lágrimas.

CHUVA

A Raquel

Esta primeira chuva longe de ti, esta chuva,
cortina apagada e rangente de gaza*,
umedece os azuis olhos de meus sonhos,
arrefece-lhe as mãos ou lhe molha as asas.

Vozes emparedadas no sonho mais fundo
perguntam às rosas, ao silêncio e à água
por ela e os rosais morrem de não vê-la
e a chuva suspira sem poder encontrá-la.

Esta primeira chuva, silenciosa, esta chuva
é um velo de sombra, de tempo e distância.
Detrás dela gelam mais remotos os mortos
E se perdem os vivos num bosque de ânsia.

*Gaza ou gaze – Dicionário Houaiss – editora Objetiva, Rio, 2001.

A MEDIA AGUA DEL SUEÑO

A media agua del sueño y sin salida
hacia la superficie iluminada,
te llevaré, ya en calma – perseguida –
lejos del pensamiento y la mirada.

No ha de ceñirte luz descomedida,
ni ha de tocarme espina disfrazada,
ni flor de llanto, de fulgor vestida,
ni daño azul, ni cariñosa espada.

Te llevaré, dormida, en la corriente
de mi sueño, y en él, serenamente,
te alejarás del sol y el aire amargo.

Y sueño abajo iremos compañera,
hasta la claridad de la ribera
donde reposa el mar del sueño largo.

A MEIA ÁGUA DO SONHO

A meia água do sonho e sem saída
para a superfície iluminada,
te levarei, já em calma – perseguida –
longe do pensamento e da mirada.

Não há de cingir-te luz descomedida,
nem há de tocar-me a espinha* disfarçada,*
nem flor de pranto, de fulgor vestida,
nem dano azul, nem afetiva espada.

Te levarei, dormida, na corrente
de meu sonho, e nele, serenamente,
te afastarás do sol e do ar amargo.

E sonho abaixo iremos companheira,
até a claridade da ribeira
onde repousa o mar do sonho largo.

* Espinha ou espinho. Dicionário Houaiss, Ed. Objetiva, Rio, 2001.

ROMANCE DEL ALMA FIEL

Desde que te fuiste al cielo,
Soledad de Santillana,
siento que tu compañía
me envuelve como una capa,
siento que vienes conmigo
a dondequiera que vaya,
que eres piedad en la rosa
y eres sonrisa en el agua,
fuego azul en el invierno
y en la noche oscura, lámpara.

Desde que te fuiste al cielo
no nos turban las palabras
ni los celos nos hastían
ni la carne nos engaña
y eres mía y yo soy tuyo
porque nada nos separa
de la mañana a la noche
y de la noche hasta el alba,
cuando apagas las estrellas
para encender la mañana.

Desde que te fuiste al cielo
tengo adormecida el ansia.
La pasión se quiebra lejos
– ola furiosa y amarga –

ROMANCE DA ALMA FIEL

Desde que te foste ao céu,
Soledade de Santillana,
sinto que tua companhia
me envolve como uma capa,
sinto que vens comigo
por onde quer que eu vá,
que és piedade na rosa
e és sorriso na água,
fogo azul no inverno
e na noite escura, lâmpada.
Desde que te foste ao céu
não nos turvam as palavras
nem os zelos nos enfadam
nem a carne nos engana
e és minha e eu sou teu
porque nada nos separa
desde a manhã à noite
e da noite até a aurora,
quando apagas as estrelas
para acender a manhã.
Desde que te foste ao céu
tenho adormecida a ânsia.
A paixão se quebra longe
– vaga furiosa e amarga –

y mi corazón no rueda
envuelto en su resonancia.
Soledad, ya no estoy solo.
La tarde amontona hilachas
de sombra en los corredores
por donde tu sombra pasa.
Soledad, deja en mis manos
la luz de tu mano blanca
por los siglos de los siglos
y bésame y no te vayas.

ISLA

Lejos de todo, en medio
de un oleaje de sombras y de lágrimas,
vive serena, erguida,
mi soledad de isla o de montaña.
La rodea un anillo de silencio
y la defiende un aro de distancia.
Cuando pienso las nubes la ensombrecen.
Cuando sueño los pájaros la encantan.

E meu coração não roda
envolto em sua ressonância.
Soledade, não estou só.
Lascas a tarde amontoa
de sombra nos corredores
por onde passa tua sombra.
Soledade, deixa em minhas mãos
a luz de tua mão branca
pelos séculos dos séculos
e beija-me e não te vás.

ILHA

Longe de tudo, ao meio
de um marulho de sombra e lágrimas,
vive serena, erguida,
minha solidão de ilha ou de montanha.
Ao redor gira um anel de silêncio
e a protege um aro de distância.
Quando penso as nuvens a escurecem.
Quando sonho os pássaros a encantam.

INQUIETUD

¿De dónde vienes, compañera mía,
y a través de qué tiempo y qué distancia?
Acabas de llegar y estás de viaje.
vienes del horizonte y no descansas.

Tienes el ansia en actitud de vuelo,
el color de la ausencia en la mirada
y en los párpados finos un miedoso
y sensitivo sobresalto de alas.

JUAN SALVADOR

Ya no se puede hacer lo que tú hacías
antes:
mirar el cielo y ver
los ángeles,
navegar en la hoja
por el río del aire,
levantar en el hueco de las manos
el agua del estanque
con todas las estrellas
sin que se nos apaguen,

INQUIETUDE

De onde vens, companheira minha,
e através de que tempo e que distância?
Acabas de chegar e estás de viagem.
vens do horizonte e não repousas.

Tens a ânsia em atitude de voo,
a cor da ausência no olhar
e nas pálpebras finas um medroso
e sensitivo sobressalto de asas.

JUAN SALVADOR

Já não se pode fazer o que fazias
antes:
olhar o céu e ver
os anjos,
navegar na folha
pelo rio do ar,
erguer no vazio das mãos
a água do tanque
com todas as estrelas
sem que se apaguem,

parar el viento, detener el río
con la mirada, y tanta cosa fácil
en la tierra del sueño
de donde vienes, ajustarse
un traje de fragancia
y una capa invisible, y unos guantes
y unos zapatos de neblina,
y volar por el aire
de la mañana con la abeja
y con la alondra delirante.
Regresar a la tierra
sin que nos vea nadie
y cortar una flor y devolverla
después al tallo fiel que se rehace
y, en un segundo, cierra sus heridas
y descansa en el hombro de la tarde.

parar o vento, deter o rio
com o olhar e tanta coisa fácil
na terra do sonho
de onde vens, ajustar-se
a um traje de fragrância
e uma capa invisível e umas luvas
e alguns sapatos de neblina,
e voar pelo ar
da manhã com a abelha
e com a delirante cotovia.
Regressar à terra
sem que ninguém nos veja
e cortar uma flor e devolvê-la
depois ao talo fiel que se refaz
e, num segundo, fecha suas feridas
e no ombro da tarde descansa.

PRESENCIA

Amor condusse noi ad una morte

Canto V – Inferno, Dante.

Estás presente en todo lo que miro
y en todo lo que canto y lo que cuento,
en la vertiente de mi pensamiento
y en la raíz amarga del suspiro.

En el aire de otoño que respiro,
en la luna de plata y en el viento,
en la fuga del río, en el aliento
del jazmín y en la estrella de zafiro.

Hace mil años que nos encontramos,
obedecemos a los mismos amos.
Dijo la misma estrella nuestra suerte.

Nos impuso el amor la misma pena,
la misma libertad, igual cadena,
y nos dio muerte de la misma muerte.

PRESENÇA

Amor condusse noi ad una morte

Canto V – Inferno, Dante.

Estás presente em tudo o que confiro
e em tudo o que canto e o que reinvento,
na vertente do meu pensamento
e na raiz amarga do suspiro.

No ar de outono que respiro,
na lua de prata e no vento,
na fuga do rio, junto ao alento
do jasmim e na estrela de safira.

Faz mil anos que nos encontramos,
obedecemos aos mesmos amos.
Tirou a mesma estrela nossa sorte.

Nos impõe o amor a mesma pena,
a mesma liberdade, igual cadeia,
e a morte nos deu da mesma morte.

DOLOR

El sol no sabe
que al girasol le duele el cuello.

YO TENÍA UN ANILLO

Yo tenía un anillo
de cristal.
Porque era frágil lo quería,
y no lo tengo ya.

El anillo quebrado
o perdido en el mar
pesa ahora en mi dedo
mucho más.

Yo tenía un anillo
de cristal,
y el que ahora tengo
de qué será?

Desaparece si lo miro.
Si no lo miro siento su metal
o su materia fría.
Mi anillo de nostalgia no se me perderá.

DOR

O sol não sabe
que ao girassol lhe dói o pescoço.

EU TINHA UM ANEL

Eu tinha um anel
de cristal.
Porque era frágil eu o queria,
e não o tenho já.

O anel quebrado
ou perdido no mar
pesa agora no dedo
muito mais.

Eu tinha um anel
de cristal,
e o que agora tenho
de que será ?

Se o contemplo, desaparece.
Se não olho, sinto seu metal
ou sua matéria fria.
Meu anel de saudade não se perderá.

NANA DE LA HOJA

La niña tiene en las manos
una hoja de jazmín
y le canta, canta en suave
voz para hacerla dormir.

Para que duerma y que duerma
un sueño largo y feliz
y se olvide que está enferma
y que se le va a morir.

RONDA

Nada más que una piel! La ronda
dice que escondas un pie.
Un pie nada más! No vayas,
niña, a desaparecer.
Limpia de sombra las manos
para que se vean bien,
y al verlas canten los pájaros
como en amanecer.
No te alejes en lo oscuro!
si te vas te perderé.

NINAR DA FOLHA

A menina tem nas mãos
uma folha de jasmim
e lhe canta, canta em suave
voz para fazê-la dormir.

Para que durma e que durma
um sono longo e feliz
e se esqueça que adoeceu
e que vai morrer.

RONDA

Nada mais que uma pele! A ronda
diz que escondas um pé.
Um pé nada mais! Não vás,
menina, desaparecer.
Limpa de sombra as mãos
para que as vejam bem,
e ao vê-las cantem os pássaros
como no amanhecer.
Não se afastes no escuro!
se te vais te perderei.

Primero sombra, más sombra
luego, la muerte después.
En el pozo de la ausencia
no te vayas a caer.
Moja en el agua, si quieres,
un pie, nada más que un pie!
Parecen cosa perdida,
desde la primera vez,
tus pupilas desterradas
que están queriendo volver.
La neblina de la muerte
va borrándote los pies,
los vestidos y las manos
y las trenzas de carey.
Ronda en la luz, en la sombra...
vuelve a la luz otra vez!
Mira que te desvaneces,
mira que te quiero bien.

Nada más que un pie! No vayas,
niña, a desaparecer.

Primeiro sombra, mais sombra
logo, a morte depois.
No poço da ausência
não caias.
Molha na água, se quiseres,
um pé, nada mais que um pé!
Parecem coisa perdida,
desde a primeira vez,
tuas pupilas desterradas
que estão querendo volver.
A neblina da morte
vai apagando-te os pés,
os vestidos e as mãos
e de tartaruga, as tranças.
Ronda na luz, na sombra...
volve à luz outra vez!
Olha que te desvaneces,
olha que te quero bem.

Nada mais que um pé! Não vás,
menina, desaparecer.

CANTAR

¿Hubo sed como la mía,
sed que me deja, al saciarse,
sed de la sed que tenía?

LECCIÓN DE MUERTE

Cuando apagas la luz se van las cosas
a su pálido reino y el olvido
pasa la mano azul por lo vencido
y lo llagado y las marchitas rosas.

Golondrinas gastadas, mariposas
de tiniebla apaciguan el sentido
y lo que pudo ser y que no ha sido
casi entrega sus líneas misteriosas.

Todo se apaga al fin. Mi pensamiento
se va lejos de ti, de su momento
feliz y de la angustia de perderte,

y, al despedirse, un día y otro día,
de tanta cosa que era apenas mía,
sigue aprendiendo su lección de muerte.

CANTAR

Houve sede como a minha,
sede que me deixa, ao saciar-se,
sede da sede que tinha?

LIÇÃO DE MORTE

Quando apagas a luz se vão as coisas
a seu pálido reino e o olvido
passa a mão azul pelo vencido
e o ferido e as murchadas rosas.

Andorinhas gastas, mariposas
de treva apaziguam o sentido
e o que posso ser e que não hei sido
quase entrega suas linhas misteriosas.

Tudo se apaga ao fim. Meu pensamento
se vai longe de ti, de seu momento
feliz e te perder dentro da sorte.

e, ao despedir-se, um dia e outro dia,
de tanta coisa que era apenas minha,
segue aprendendo sua lição de morte.

CASI

Gran-Todo-de-la-nada-de-los-casis

Miguel Hernández

Casi hallarte por fin, casi perderte.

Casi ignorar, Amor, que te quería.

Casi desolación, casi alegría:

la dicha suma y la desdicha fuerte.

Casi oscura desgracia, casi suerte.

Casi abandono, casi compañía.

Casi heroísmo, casi cobardía.

Casi vida inmortal y casi muerte.

Frontera de la noche y de la estrella;

Toda la luz, toda la sombra en ella!

Casi en lo eterno, casi de pasada.

Casi desposeído, casi dueño.

Casi en la realidad, casi en el sueño.

Dueño de casi todo y casi nada.

QUASE

Gran-Todo-de-la-nada-de-los-casis

Miguel Hernández

Quase alcançar-te enfim e quase o corte*.

Quase ignorar, Amor, que te queria.

Quase desolação, quase alegria:
a suma ventura e a desventura forte.

Quase obscura desgraça, quase sorte.

Quase abandono, quase companhia.

Quase heroísmo, quase covardia.

Quase vida imortal e quase morte.

Fronteira da noite e da estrela;

toda a luz, toda a sombra sobre ela!

Quase no eterno, quase de passada.

Quase despossuído, quase dono.

Quase na realidade, quase em sonho.

Dono de quase tudo e quase nada.

* No sentido de perda.

ROSA DE CENIZA

¿Dónde perdí lo que perdí y qué ha sido
Lo perdido? ¿Fue el alma que era mía
y en traje de misterio pasó un día
rozándome a la orilla del olvido?

¿La que me diera el cielo del sentido?
¿La que fue milagrosa compañía
y mi nostalgia aroma todavía
con el aroma fiel de su vestido?

Cada momento da su rosa oscura,
que vive, cuando vive, una alborada
y nunca de mi rosa he sido dueño

porque cerca de mí se transfigura
y es rosa de ceniza iluminada
su rayo azul y su color de sueño.

ROSA DE CINZA

Onde perdi o que perdi e o que foi
perdido? Foi a alma que era minha
e em traje de mistério passou um dia
roçando-me à margem do olvido?

A que me dera o céu do sentido?
A que foi milagrosa companhia
e meu aroma ainda nostalgia
com o aroma fiel de seu vestido?

Cada momento de sua rosa escura,
que vive, quando vive, uma alvorada
e nunca de minha rosa se fez dono

porque perto de mim se transfigura
e é rosa de cinza iluminada
seu raio azul e sua cor de sono.

DOY POR GANADO

Doy por ganado todo lo perdido
y por ya recibido lo esperado
y por vivido todo lo soñado
y por soñado todo lo vivido.

La más viva congoja eché al olvido.
Del sueño más feliz no he despertado
y agradezco la pena que han dado
que en flor de suavidad se ha convertido.

La tristeza quemante del pasado
tiene un color de sueño parecido
al de la fuga del amor logrado.

Y es que el ansia y la inquietud se han ido
al recordar que el cielo prometido
comienza por la herida del costado.

DOU POR GANHO

Dou por ganho todo o perdido
e por já recebido o esperado
e por vivido todo o sonhado
e por sonhado todo o vivido.

A mais viva angústia foi ao olvido.
Do sonho mais feliz não tenho despertado
e agradeço a pena que me têm dado
que em flor de brandura hei convertido.

A tristeza abrasante do passado
tem uma cor de sonho parecido
ao do escape do amor que foi logrado.

E é que a ânsia e inquietude têm-se ido
ao recordar que o céu tão prometido
começa com a ferida no costado.

ARANJUEZ

Labios que fueron son las amapolas,
lágrima de otros tiempos el rocío,
más soledad las alamedas solas,
largo silencio entre la paz y el río.

¿Qué se hicieron las cortes españolas
y la Reina y el Rey y el señorío
para quienes abren sus corolas
los heliotropos del jardín vacío?

Dormida está la fuente en el pasado.
el sueño se le mira en el reflejo:
cielos, rosales, el palacio viejo,

y en un balcón, que como todo sueña,
el fantasma de un rey enamorado
esperando al fantasma de su dueña.

ARANJUEZ*

Lábios que foram são as papoulas,
lágrima de outros tempos o rocío,
mais alamedas, solitárias orlas,
largo silêncio entre a paz e o rio.

Que se fizeram das cortes espanholas
e a Rainha e o Rei e o senhorio
para quem abrem suas corolas
os heliotrópios do jardim vazio?

Dormida está a fonte no passado,
o sonho se olha no espelho:
céus, roseiras, o palácio velho,

e na sacada, que como tudo sonha,
o fantasma de um rei enamorado
esperando o fantasma de sua dona.

* Aranjuez é uma pequena cidade da Espanha, na confluência dos rios Tejo e Jarama, distando 48 km de Toledo.

URZAINQUI

Tierra de los Cruchaga

Ver de nuevo la iglesia, el caserío,
nuestra casa de piedra, el pueblo austero
y oír pasar por el silencio el río
que en la roca labró el desfiladero.

Sentir de nuevo el ramalazo frío
que forjó el corazón del guerrillero,
mirar el campo que debió ser mío,
mi patio, mi ventana y mi lucero.

Entre la lluvia de un rincón de España
respirar hondo el aire de la hazaña
que puso en fuga al águila francesa

y a recibir el ramo de alegría
que el sueño más feliz no presentía:
la dicha de la sangre que regresa.

URZAINQUI

Terra dos Cruchaga

Ver de novo a igreja, o casario,
nossa casa de pedra, o povo austero
e ouvir passar pelo silêncio o rio
que em rocha gravou desfiladeiro.

Sentir de novo o ramal frio
que forjou o coração do guerrilheiro,
olhar o campo que me possuiu,
meu pátio, minha janela, meu luzeiro.

Entre a chuva de um rincão de Espanha
respirar fundo o ar da façanha
que pôs em fuga a águia francesa

e a receber o ramo de alegria
que o sonho mais feliz não pressentia:
a ventura do sangue que regressa.

TERREMOTO

La nada quiere ser lo que antes era.
Su descontento corazón de nieve
quiebra la casa, los cimientos mueve
para llegar a ser la nada entera.

Cobarde remezón, dura ceguera
que a destruir y a convertir se atreve
la flor milagro de la vida breve
en miseria de nada verdadera.

Conquista pavorosa del vacío,
la nada está invadiendo el caserío,
la muerte crece, duele la mirada.

Los calofríos trágicos y oscuros
van abriendo en las grietas de los muros
las recuperaciones de la nada.

TERREMOTO

O nada quer ser o que antes era.
Seu descontente coração de neve
quebra a casa , os cimentos move
para chegar a ser o nada inteiro.

Covarde abalo, dura cegueira
que a destruir e a converter se atreve
a flor milagre da existência breve
em miséria de nada verdadeira.

Conquista pavorosa do vazio,
o nada está invadindo o casario,
a morte cresce, dói a fachada.

Os calafrios trágicos e escuros
vão abrindo nas gretas dos muros
as recuperações do nada .

NADA ESPERO

Y el mayor bien es pequeño
Pedro Calderón de la Barca

Ganados por el olvido
fueron la dicha, el dolor,
la nostalgia, el gran amor,
lo ganado y lo perdido.
Nada espero y nada pido
porque de nada soy dueño
y “el mayor bien es pequeño”
si dan en la nada oscura
tu vida con su ternura
y la mía con su sueño.

NADA ESPERO

E o maior bem é pequeno
Pedro Calderón de la Barca

Ganhos pelo olvido
foram ventura, dor,
a nostalgia, grande amor,
o ganhado e o perdido.
Nada espero, nada peço
porque de nada sou dono
e “o maior bem é pequeno”
se acabam em coisa nula e escura
tua vida com sua ternura
e a minha com seu sonho.

ADIÓS, A DIOS, ¡HASTA DIOS!

Adiós, a Dios, ¡Hasta Dios!
Hasta volver a su sueño,
a ser anillo en sus manos
y obediencia entre sus dedos.

A ser lo que Dios quería,
lumbre de su pensamiento,
prolongación de su voz,
belleza de sus deseos,
nobleza de sus amores,
calor de su sentimiento.

Por eso debemos ser
lo que Dios quiso, por eso,
para volver a sus manos
y regresar a su sueño.

ADEUS, A DEUS, ATÉ DEUS!

Adeus, a Deus. Até Deus!
Até volver a seu sonho,
a ser anel em suas mãos
e obediência entre seus dedos.

A ser o que Deus queria,
lume de seu pensamento,
complemento de sua voz,
beleza de seus desejos,
nobreza de seus amores,
calor de seu sentimento.

Por isso devemos ser
o que Deus quis, por isso,
para volver às suas mãos
e regressar a seu sonho.

LO PERDIDO

I

Qué buscaba? No supe
lo que vine a buscar.
¿Era un sueño empezado
que no tuvo final.
Era una luz que hacía
luz de la oscuridad.
Una voz que ya nunca
se ha podido apagar
y vive en la nostalgia
para siempre jamás?
No sé lo que sería,
pero sé la ansiedad
de hallar lo que me falta
desde la eternidad.
Creo a veces hallarlo
y no sé si será
lo mismo que esperaba
y lo dejo pasar.
Cuando se me va duele
perderlo una vez más,
porque al irse ya tiene
el color inmortal
de lo que yo buscaba

O PERDIDO

I

Que buscava? Não soube
o que vim buscar.

Era um sonho começado
que não teve final?

Era uma luz que fazia
lume da escuridão.

Uma voz que já nunca
se pôde apagar

e vive na nostalgia
para sempre jamais?

Não sei o que seria,
mas sei da ansiedade
de achar o que me falta
desde a eternidade.

Creio às vezes achá-lo
e não sei se será
o mesmo que esperava
e o deixo passar.

Quando se vai, dói
perdê-lo uma vez mais,
porque ao ir-se já tem
a cor imortal
do que eu buscava

sin poderlo encontrar;
si se queda conmigo
se desvanecerá.
Ya no me quejo, vida,
de lo que no me das.
Dame lo que tú quieras,
mejor menos que más,
porque si me das menos,
menos me quitarás.

II

Desposeído
de un tesoro escondido
perdí la vida entera
buscando lo perdido.
Creí rozarlo en la ceguera
de la noche cerrada y sin sentido,
y mi tesoro, ya en la luz, no era.
A mi llamado
responde solo el eco a la distancia
y me deja la dicha que he logrado
despierta el ansia.
Imán de la lejanía,
de la noche estrellada,
ráfagas de milagro y armonía
que hacen milagros de la nada,

sem podê-lo encontrar;
se fica comigo
se desvanecerá.
Já não me queixo, vida,
do que não me dás.
Dá-me o que tu queiras,
melhor menos que mais,
porque se me dás menos,
menos me quitarás.

II

Despossuído
de um tesouro escondido
perdi a vida inteira
buscando o perdido.
Cri roçá-lo na cegueira
da noite fechada e sem sentido,
e meu tesouro, já na luz, não era.
A meu chamado
Responde só o eco na distância
E me deixa a ventura, que logrei,
desperta a ânsia.
Imã de lonjura
da noite estrelada,
rajadas de assombro e harmonia
que fazem milagres do nada,

amor eterno de pasada,
cielo del primer beso,
vana entrega del alma en la mirada,
lo que buscaba no era eso.
Y ¿qué fue lo perdido?
Yo no sé lo que ha sido,
pero sé su partida
y que al irse con ella se ha ido
la suprema razón de la vida.
Tal vez no quise el sueño vano
ni el don pequeño.
Mi corazón quería el más lejano sueño.
Pero no doy por terminada la jornada
y está siempre mi anhelo
en actitud de vuelo,
y en vez de darme por vencido
he de seguir por tierra, mar y cielo
buscando lo perdido.

amor eterno de passada,
céu do primeiro beijo,
vã entrega da alma no olhar ,
o que buscava não era isso.
E que foi o perdido?
Eu não sei o que foi,
mas sei de sua partida
e ao ir-se com ela viajou
a suprema razão da vida.
Talvez não quis o sonho vão
nem o dom pequeno.
Meu coração queria o mais remoto sonho.
Porém não dou por terminada a jornada
E está sempre meu desígnio
em atitude de voo,
e em vez de dar-me por vencido
hei de seguir por terra, mar e céu
buscando o perdido.

Mauro Mota

El tejedor y pintor en la poesía pernambucana y universal de Mauro Mota

Tradução de Maximino Fernández

NACIÓ EL 16 de agosto de 1911 en Recife, Pernambuco, y murió en noviembre de 1984. Licenciado en Derecho, fue periodista y ensayista. Perteneció a la Academia Brasileira de Letras. Poeta de singular originalidad, de la tierra del Nordeste. Publicó *Elegías* (1952), *A tecelã* (1956), *Os epitáfios* (1959), *O galo e o Cata-vento* (1962); *Canto ao meio* (1964), reunidos en *Itinerário* (1975), devenido posteriormente en *Pernambucânia* (1979).

MAXIMINO FERNÁNDEZ FRAILE es Profesor de Castellano, Magister en Letras y Doctor en Filosofía con mención en Literatura. Autor de numerosos libros y artículos sobre Literatura, entre los que sobresalen *Historia de la Literatura chilena*, *Literatura chilena del fines del siglo XX* y *La crítica literaria en Chile*. Es miembro de número de la Academia Chilena de la Lengua y Decano de la Facultad de Filosofía y Educación de la Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación.

O tecelão e pintor na poesia pernambucana e universal de Mauro Mota

Carlos Nejar

NASCEU EM 16 de agosto de 1911, Recife, Pernambuco e morreu em novembro de 1984. Bacharel em Direito, foi jornalista, ensaísta. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras. Poeta de singular originalidade, da terra do Nordeste. Publicou: *Elegias* (1952); *A tecelã* (1956); *Os epitáfios* (1959), *O galo e o cata-vento* (1962); *Canto ao meio* (1964), reunidos em *Itinerário* (1975), vindo posteriormente *Pernambucânia* (1979). No ensaio, entre várias publicações, sobressaem – *O cajueiro nordestino* (1956); *Os bichos na fala da gente* (1969)

CARLOS NEJAR, Poeta, Ficcionista e Crítico. Pertence à Academia Brasileira de Letras e à Academia Brasileira de Filosofia. Traduziu Borges e Neruda e possui livros publicados no Brasil e no exterior.

En el ensayo, entre varias publicaciones, sobresalen *O cajueiro nordestino* (1956), *Os bichos na fala de gente* (1969) y el ensayo que escribió en conjunto con Gilberto Freire: *Pernambucanidad, nordestinidad, brasileñidad* (1974). Fausto Cunha, uno de nuestros grandes críticos, con razón lo ubica bajo la fidelidad al regionalismo, lo que lo mantiene apartado del formalismo de la generación de 1945, como el encantamiento que caracterizó Mario Quintana, vinculado a Augusto dos Anjos en lo melódico, esta “leche vieja de la métrica y de la rima”, que es siempre nueva en la medida en que los sueños lo son. Mário Pederneiras, de resonancia europea, influyó, como un Antônio Nobre, en ese lenguaje más simple, más libre, más ciudadano. Sabiendo diluir la presencia del Simbolismo, Mauro Mota trae el aire de un romanticismo tropical que lo hace respirar más a voluntad, la sugerencia de una poesía sin modismos, sintética y densa, con imágenes que recuerdan el contorno de escultura, donde cada material es manejado en la complementariedad del sonido con el tema. Musical, visualísimo, con la parsimonia de un metalúrgico o tejedor de versos. ¿Tejedor? Su poesía es pictórica. Desdoblable en telas precisas y verbales. Observen los poemas “O galo e o cata-vento”, “O galo, Pastoril” (I y II), “O muro”, “A casa”, “O candelabro”, “Sobrado”, “Os sapatos”. Lo que describe, pinta con los colores de una pernambucanidad castiza y antigua. Un Rembrandt de verso *indormido*. Es tan Recife que el poeta es su circunstancia – orteguianamente – y no se salva, sin que se

e o ensaio que escreveu em parceria com Gilberto Freyre: *Pernambucanidade, nordestinidade, brasileiridade* (1974). Fausto Cunha, um dos nossos grandes críticos, com razão, o coloca sob a fidelidade do regionalismo, o que o manteve arredado daquele formalismo da geração de 1945, com o encantatório que caracterizou Mário Quintana, vinculado a Augusto dos Anjos no melódico, este “leite velho do metro e da rima” – que é sempre novo, na medida em que os sonhos o são. Mário Pederneiras, de ressonância europeia influenciou, como um Antônio Nobre, nessa linguagem mais simples, mais livre, mais cidadina. Sabendo diluir a presença do Simbolismo, Mauro Mota trouxe o ar de um romantismo tropical que o fez respirar mais à vontade, a sugestão de uma poesia sem modismos, sintética e densa, com imagens que lembram o contorno de escultura, onde cada material é manuseado na completude do som com o tema. Musical, visualíssimo, com a parcimônia de um metalúrgico ou tecelão de versos. Tecelão? Sua poesia é pictórica. Desdobrável em telas precisas e vocábulas. Observem os poemas “O galo e o cata-vento”, “O galo”, “Pastoril” (I e II), “O muro”, “A casa”, “O candelabro”, “Sobrado”. “Os sapatos”. O que descreve pinta com as cores de uma pernambucanidade castiça e antiga. Um Rembrandt de indormido verso. É tão Recife que o poeta é sua circunstância – orteganianamente – e não se salva, sem que se salve a cidade no canto. Sem luxúria verbal. “Pois o estilo – ensina

salve la ciudad en el canto. Sin lujuria verbal. “Pues el estilo – enseña Proust – para el escritor como para el pintor es un problema no de técnica sino de visión”. Y en Mauro nada se pierde, todo se transfiere del prisma verbal al visual, después al arquitectónico y desde éste a otra porción en la sombra, lo fantástico y alegórico. Lo que – en concepto puede no conciliarse – en el crisol de este aprendiz de abismo, se concilia con gotas de tierra y de estaciones, Las cosas pretéritas se renuevan en plasticidad. Es un trazo muy sensato, aparentemente. Debajo, están las brasas. El vigor del martillo en la forja. El golpe correcto: ni más ni menos. Sobrepassa la técnica por el sentimiento de existencia más humana y fraterna; sobrepassa la memoria por la desmemoria de las cosas que quieren existir. Hay una dulzura en la poesía de Mauro Mota, con los cañizales, el mimo azucarado de la caña y el fresco de la fruta, volviéndose más cromático y sonoro, usando términos más tiernos, melifluos, suaves, claros. O evitando los vocablos duros, descarados o amargos, Todas sus palabras se dulcifican con la vocación fluvial y amena (¡Oh Capibaribe!). Ninguna espina en las cuerdas de sus sentidos. Ninguna cuerda capaz de apartarlo del significado de los versos.

He aquí algunos poemas de vigorosa entonación órfica y lírica. “Os zapatos”, con este final: “De los largos caminos de antes / sólo quedarán siete palmos. / Seré el muerto calzado, / de ojos abiertos, confiado / en nuevos itinerarios / de los zapatos sollozantes”.

Proust – para o escritor como para o pintor é um problema não de técnica mas de visão”. E em Mauro, nada se perde, tudo se transfere – do prisma vocabular para o visual, depois ao arquitetônico e deste a uma outra porção na sombra, o fantástico e alegórico. O que – em conceito pode não se conciliar – no cadinho deste aprendiz de abismo, concilia-se com gotas de terra e de estações. As coisas pretéritas renovam-se em plasticidade. E um traço muito cordato, aparentemente. Debaixo, são as brasas. O vigor do martelo na forja. O golpe certo: nem mais, nem menos. Ultrapassa a técnica pelo sentimento da existência mais humana e fraterna; ultrapassa a memória, pela desmemória das coisas que querem existir. Há uma doçura na poesia de Mauro Mota, com os canaviais, o denço açucarado da cana e o viço das frutas, tornando-se mais cromático e sonoro, usando termos mais tenros, melífluos, macios, cláridos. Ou evitando os vocábulos duros, sáfaros ou amargos. Todas as suas palavras se ameigam com a vocação fluvial e amena (ó Capibaribe!). Nenhum espinho nas cordas de seus sentidos. Nenhuma corda a mais ou a menos, capaz de arrear-lhe a significação dos versos.

Eis alguns poemas de vigorosa entonação órfica e lírica: “Os sapatos”, com este final: “Dos longos caminhos dantes / só ficaram sete palmos. / Serei o morto calçado, / de olhos abertos, confiantes, / em novos itinerários / dos sapatos soluçantes.”

O luego la tocante a “Elegía n.º 1:”

Te veo muerta. Las blancas manos colgadas.
De ellas ahora, sin querer, liberas
al alma de los gestos y, de los labios calientes
todavía, las frases pensadas sólo en ciertas

tardes perdidas. Bajo los entreabiertos
párpados, siento, en tu mirar presentes,
mundos de imágenes que, en las regiones desiertas
de la muerte, llevarás, que la muerte sientes

fría ante todos los llamados.
Te veo muerta. Viva, la cabellera,
tus cabellos volando! a! Tus cabellos!

Gesto de desesperación y despedida,
para quedar de cualquier manera
por los hilos castaños presa a la vida.

O “Boletim sentimental de guerra no Recife”, que demuestra consideración por las niñas en la guerra, entre sarcasmo y piedad (en que se aproxima a Vinicius de Moraes). O este ali-ciente soneto, “Retrato”:

Ou então a tocante “Elegia n.º 1:”

Vejo-te morta. As brancas mãos pendentes.
Delas agora, sem querer, libertas
a alma dos gestos e, dos lábios quentes
ainda, as frases pensadas só em certas

tardes perdidas. Sob as entreabertas
pálpebras, sinto, em teu olhar presentes,
mundos de imagens que, às regiões desertas
da morte, levarás, que a morte sentes

fria diante de todos os apelos.
Vejo-te morta. Viva, a cabeleira,
teus cabelos voando! ah! Teus cabelos!

Gesto de desespero e despedida,
para ficares de qualquer maneira
pelos fios castanhos presa à vida.

Ou “Boletim sentimental da guerra no Recife”, que demonstra comiseração pelas meninas na guerra, entre sarcasmo e piedade (no que se aproxima de Vinícius de Moraes). Ou este aliciante soneto, “Retrato”:

El niño vestido de marinero
desde lo alto de la sala a distancia espía
la playa donde soñó llegar un día
quieto y cerrado como un caramujo.

Playa que cada vez se distancia
más del marinero prisionero, cuyo
barco paró en el mar aceitoso y sucio
dejándolo de bruces sobre el borde

No es una imagen, es el marinero vivo
en la moldura del tiempo fugitivo
mirar en derredor para que viese

la vorágine del mar que todo alcanza
y su propio cadáver de niño
flotando calmo por la superficie.

Poeta de la infancia de Recife, poeta del dolor de la infancia,
de una modestia bandeiriana, he aquí “Humildad”:

Que la voz del poeta nunca se levante
para tener resonancia en las alturas.
Que el canto, de las contenidas amarguras
sólo sea la gota desbordante.

O menino vestido de marujo
do alto da sala para longe espia
a praia onde sonhou chegar um dia,
quieto e fechado como um caramujo.

Praia que cada vez se distancia
mais do marujo prisioneiro, cujo
barco parou no mar oleoso e sujo,
deixando-o debruçado na vigia.

Não é a imagem, é o marujo vivo
na moldura do tempo fugitivo,
olhar em derredor para que visse

a voragem do mar que tudo alcança
E seu próprio cadáver de criança
boiando calmo pela superfície!

Poeta da infância do Recife, poeta da dor da infância, de
uma modéstia bandeiriana, eis “Humildade”:

Que a voz do poeta nunca se levante
para ter ressonância nas alturas.
Que o canto, das contidas amarguras,
somente seja a gota transbordante.

Que él, a través de las soledades oscuras
del ser, deslice en el preciso instante,
Salga de la flauta del pastor errante
sin aplauso buscar de otras criaturas.

Que el canto simple, natural, estalle,
agua de fuente limpia, del fondo
del alma, de amor y de humildad lleno.

Que el canto glorificará solamente
al origen, cuando nadie más en el mundo
sepa de quién fue o de dónde vino.

Y el curioso poema “La mesa”: “ La mesa cruje y el crujido /
no es el dolor de la madera. // (La toalla, la mortaja blanca / y en-
cima de la mesa, el polvo / de los comensales deglutidos)”. Reve-
lador de cómo Mauro Mota sugiere más de lo que dice, alcanza
el “espíritu de los objetos”, o su constreñida languidez. Y estos
dos otros textos emblemáticos de su poética de lo cotidiano.
Poema que desgarrar con su atmósfera sobrenatural, “El can”:

Es un perro negro. Es tal vez el propio Perro
asombrado y haciendo asombrosidad.
Despedaza el silencio con sus aullidos.
La espada ígnea del mirar de la oscuridad

Que ele, através das solidões escuras
do ser, deslize no preciso instante.
Saia da avena do pastor errante
sem aplauso buscar de outras criaturas

Que o canto simples, natural, rebente,
água da fonte límpida, do fundo
da alma, de amor e de humildade cheio.

Que o canto glorificará somente
a origem, quando mais ninguém no mundo
saiba ele de quem foi ou de onde veio.

E o curioso poema “A mesa”: “A mesa range e o rangido / não é a dor da madeira. // (A toalha, a mortalha branca, / e em cima da mesa, a poeira / dos comensais deglutidos)”. Revelador de como Mauro Mota sugere, mais do que diz, atinge o espírito dos objetos, o seu constrangido langor. E estes dois outros textos emblemáticos de sua poética do cotidiano. Poema que dilacera com sua atmosfera sobrenatural, “O cão”:

É um cão negro. É talvez o próprio Cão
assombrado e fazendo assombração.
Estraçalha o silêncio com seus uivos.
A espada ígnea do olhar da escuridão

separa la noche, abre un canal en lo oscuro.
Can de la Constelación del Gran Can,
caído en el huerto, espía al salto:
duendes, fantasmas de ladrón en el muro.

El latido ancestral libera el hambre
de tiempo, y el can, presa del instinto, come
el miedo y la tiniebla. Se agita, devora

su ración de color. Pues, loco y aullante,
lame los puntos cardinales, muerde el levante
y bebe la sangre matinal de la aurora.

Y el poema famoso y actual que es “La tejedora”: “Hay mucha
gente en la calle/ parada en el borde./ Ni da importancia a tu/ blusa
rota de trabajadora./ Vistes a Recife y vuelves/ a casa casi desnuda”.
Vean los lectores la perfección de estos dos sonetos – “Pastoral”:

No dice de dónde vino. Apenas vino
casi flotante por la madrugada.
La flauta y un celo musical en cada
oveja y en todas de su redil.

Toca (¿Para el rebaño?) Su tonada
se interrumpe a veces en el medio.
De ella no quiere solamente un valle lleno:
quiere llevarla más lejos. Cuando nada

separa a noite, abre um canal no escuro.
Cão da Constelação do Grande Cão,
tombado no quintal, espreita o pulo:
duendes, fantasmas de ladrão no muro.

O latido ancestral liberta a fome
de tempo, e o cão, presa do faro, come
o medo e a treva. Agita-se, devora

sua ração de cor. Pois, louco e uivante,
lambe os pontos cardeais, morde o levante
e bebe o sangue matinal da aurora.

E o poema famoso e atual, que é “A tecelã”: “Há muita gente na
rua/parada no meio fio./Nem liga importância à tua/blusa rota
de operária./Vestes o Recife, e voltas/para casa quase nua.” Ve-
jam os leitores a perfeição destes dois sonetos: “Pastoral”:

Não disse de onde veio. Apenas veio
quase flutuante pela madrugada.
A flauta e um zelo musical em cada
ovelha e em todas do seu pastoreio.

Toca. (Para o rebanho?) A sua toada
interrompe-se às vezes pelo meio.
Dela não quer somente o vale cheio:
quer levá-la mais longe. Quando nada

quede de los corderos y de los pastos,
de la frescura matinal, de los blancos rastros
de lana, de los cascabeles, de una oveja incauta

quede el recuerdo del pastor fugaz,
que fue pastor sólo para que quedase
en las colinas la música de la flauta.

Y el precioso “Las golondrinas”:

Torre hecha de cantos y de plumas
¿o hechas de argamasa las golondrinas?
La simbiosis del poso sobre los litúrgicos
aleros y la migración de albañilería.

Era la torre de iglesia ornitológica
donde el color de la mañana se colgaba.
Era un ave de bronce en la jaula,
era la lengua de la campana sujeta a la cuerda.

Pero cuando, en el intervalo de esa pena
en su repique matinal batía
era una colectiva voladura:

alas de cal y música de plumas
cayendo todas al suelo de la plaza
como si la torre se despedazara.

houver mais dos cordeiros e dos pastos,
do viço matinal, dos brancos rastos
de lâ, dos guizos, de uma ovelha incauta,

fique a lembrança do pastor fugace,
que foi pastor só para que ficasse
nas colinas a música da flauta.

E o precioso, “As andorinhas”:

Torre feita de cantos e de plumas
ou feitas de argamassa as andorinhas?
A simbiose do pouso nos litúrgicos
beirais e a migração de alvenaria.

Era a torre da igreja ornitológica,
onde a cor da manhã se suspendia.
Era uma ave de bronze na gaiola,
era a língua do sino presa à corda.

Mas quando, no intervalo dessa pena,
no seu repique matinal batia,
era a coletivíssima revoada:

asas de cal e músicas de penas
caindo todas pelo chão da praça
como se a torre se despedaçasse.

Observen la habilidad con que el poeta construye esta breve “Ausencia”: “Vestías delante del espejo / el vestido de viaje / y el espejo se partió al medio / queriendo mantener tu imagen”. Tal descripción, óptica y primorosa, nos recuerda el “Fuzilado”, de Goya: “Un límpido claror antes del fuego / con el pecho sangrante en la agonía / ¿qué recompensa comenzó a tener? / ¿Lo que a través del muro prevenía? / Lo que solamente los ojos ya cerrados, / Que se cierran en la muerte, pueden ver”.

Y hay tantos otros poemas de belleza imperativa: “A semente”, “Soneto plumário”, “O galo e o cata-vento” (hermano de los gallos de Ferreira Gullar). Y para finalizar, he retirado de *Pernambucânia* este rehacer de tramas y arcaicas memorias en las cosas, porque ellas hablan:

El ingenio, el cabriolé, las trampas
el tren, el bosque, la campana de la capilla,
compadre Zuca, la vaca Zeferina,
diciembre de las niñas del colegio.

Río, cañas, frutas, canoa, la loca
el celo de la yegua, la casa de harina,
la terraza, el juego de dados, el abuelo, el cura,
los *cabaços* de miel y de mulatas.

[...]

Observem a habilidade com que o poeta constrói esta breve “Ausência”: “Vestias diante do espelho / o vestido de viagem, / e o espelho partiu-se ao meio / querendo prender-te a imagem”. Tal descrição é ótica e primorosa que nos recorda o “Fuzilado”, de Goya: “Um límpido clarão antes do fogo. / – Com o peito sangrante na agonia, / que recompensa começou a ter? / – O que através do muro ele antevia? / – O que somente os olhos já cerrados, / que se fecham na morte, podem ver.”

E há tantos outros poemas de imperativa beleza: “A semente”, “Soneto plumário”, “O galo e o cata-vento” (irmão dos galos de Ferreira Gullar). E para finalizar, retirei de *Pernambucânia* este refazer de tramas e arcaicas memórias nas coisas, porque elas falam:

O engenho, o cabriolé, as arapucas,
o trem, a mata, o sino da capela,
compadre Zuca, a vaca Zeferina,
dezembro das meninas do colégio.

Rio, canas, cajás, canoa, a doida,
o cio da égua, a casa de farinha,
o terraço, o gamão, o avô, o padre,
os cabaços de mel e de mulatas.

[...]

El clima es el mismo de los romances de José Lins do Rego y de los ensayos de *Casa-grande e senzala*, o *Sobrados e mucambos*, de Gilberto Frayre. Y un gusto de infancia manuelina, gusto de fruta, las botijas, espuelas o rucio-palomo. Cada palabra es un diccionario invencible, cada palabra es la tierra entera. El diccionario de adivino de un pernambucano antiguo y universal. ¿Fuera de moda? No. Es la moda que está fuera de moda. Es por eso que Mauro Mota escribe dentro de una *palabra esencial*.

O clima é o mesmo dos romances de José Lins do Rego e dos ensaios de *Casa-grande e senzala*, ou *Sobrados e mucambos*, de Gilberto Freyre. E um gosto de infância manuelina, gosto de cajá, as botijas, esporas, o ruço-pombo. Cada palavra é um dicionário invencível, cada palavra é a terra inteira. O dicionário divinatório de um Pernambuco antigo e universal. Fora de moda? Não. É a moda que está fora de moda. E por isso que Mauro Mota escreve dentro de uma palavra essencial.

POEMAS DE
Mauro Mota

OS SAPATOS

Emborcados sob a cama
ambos caíram de bruços
como se na madrugada
contra o assoalho comprimissem
bocas abertas e mudas
de inlibertáveis soluços.

São dores vindas de longe,
retalhadas no curtume,
lembranças dos campos verdes
que a meus desesperos se unem,
feridas as epidermes
nas pedras pontiagudas.

Pendentes os dois cordéis
como dois nervos expostos
que se enxertam nos meus pés,
não os levo, eles me levam,
compassadamente juntos,
são barcos nas poças d'água,
esquifes dos pés defuntos.

Nos cemitérios urbanos
vamos sepultando os passos,

LOS ZAPATOS

Metidos bajo la cama
ambos caen de bruces
como si en la madrugada
contra el suelo comprimiesen
bocas abiertas y mudas
de atrapados sollozos.

Son dolores venidos de lejos,
retajados en curtimbre
recuerdos de campos verdes
que a mis desesperanzas se unen,
heridas las epidermis
en las piedras puntiagudas.

Colgados los dos cordones
como dos nervios expuestos
que se insertan en mis pies,
no los llevo, ellos me llevan
acompañadamente juntos,
son barcos en las pozas de agua,
esquifes de los pies difuntos.

En los cementerios urbanos
vamos sepultando los pasos,

passos jamais repetidos,
uns certos, outros em falso.
(Todos diminuem a viagem,
que os roteiros diferentes
vão dar na mesma estalagem.)

Ó sapatos soluçantes
molhados (da água da chuva?)
dançamos no tempo gasto
a valsa lenta de abril,
defronte, as sandálias brancas,
mais brancas e imóveis hoje.

Recordo as noites distantes
quando pisáveis no oitão,
leve, leve, parecia
que nem tocáveis no chão,
vinha a moça de cabelos
soltos e abria o portão.

Dos longos caminhos dantes
só ficaram sete palmos.
Serei o moço calçado,
de olhos abertos, confiantes,
em novos itinerários
dos sapatos soluçantes.

pasos nunca repetidos
unos ciertos, otros en falso.
(Todos disminuyen el viaje,
que los itinerarios diferentes
van a dar al mismo albergue.)

Los zapatos sollozantes
mojados (¿de agua de lluvia?)
danzamos en el tiempo gastado
el vals lento de abril,
enfrente, las sandalias blancas,
más blancas e inmóviles hoy.

Recuerda las noches distantes
cuando caminabas junto a la pared,
leve, leve, parecía
que no tocabas el suelo,
venía la niña de cabellos
suelos y abría el portón.

De los largos caminos de antes
no quedaron siete palmos.
Seré el muerto calzado,
de ojos abiertos, confiados
en nuevos itinerarios
de los zapatos sollozantes.

ELEGIA N.º 3

De mim perto, bem perto, junto, unida,
como nunca estiveste, agora estás.
Foste e ficaste – estranha despedida,
reino de sombras, de silêncio e paz.

Tua presença é eterna, eterna é a vida
que, feliz, para sempre, viverás.
Morta é a morte, levaste-a de vencida,
não nos separaremos nunca mais.

Quando chegar meu derradeiro instante,
ó noiva ausente num país distante,
nossos amigos todos ouvirão

vozes e cantos, músicas e abraços.
Dos fantasmas que formos nos espaços
será o encontro sem separação.

ELEGÍA N.º 3

Cerca de mí, bien cerca, junta, unida
como nunca estuviste, ahora estás.
Fuiste y quedaste, extraña despedida
reino de sombras, de silencio y paz.

Tu presencia es eterna, eterna es la vida
que, feliz, para siempre, vivirás.
Muerta es la muerte, y una vez vencida
no nos separaremos nunca más.

Cuando me llegue el último instante,
la novia ausente en un país distante,
todos nuestros amigos oirán

voces y cantos, músicas y abrazos.
De los fantasmas que seremos en los espacios
será el encuentro sin separación.

CIDADE FLUTUANTE

BOLETIM SENTIMENTAL DA GUERRA NO RECIFE

Meninas, tristes meninas,
de mão em mão hoje andais.
Sois autênticas heroínas
da guerra, sem ter rivais.
Lutastes na frente interna
com bravura e destemor.
À vitória aliada destes
o sangue do vosso amor.

Por recônditas feridas,
não ganhastes as medalhas,
terminadas as batalhas
de glórias incompreendidas.
Éreis tão boas pequenas.
Éreis pequenas tão boas!
De várias nuances morenas,
ó filhas de Pernambuco,
da Paraíba e Alagoas.
Tínheis de quinze a vinte anos,
tipos de colegiais,
diante dos americanos,

CIUDAD FLUCTUANTE

BOLETÍN SENTIMENTAL DE GUERRA EN RECIFE

Niñas, tristes niñas,
de mano en mano hoy andáis.
Sois auténticas heroínas
de guerra, sin tener rivales.
Luchasteis en el frente interno
con valentía y sin temor.
A la victoria aliada disteis
la sangre de vuestro amor.

Por recónditas heridas,
no ganasteis las medallas,
terminadas las batallas
de glorias incomprendidas.
¡Sois tan buenas pequeñas.
Sois pequeñas tan buenas!
De varios tonos morenas,
o hijas de Pernambuco,
De Paraíba y Alagoas.
Teníais de quince a veinte años,
tipos de colegialas,
delante de los americanos,

dos garbosos oficiais,
do segundo time vasto
dos fuzileiros navais
prontos a entregar a vida
para conseguir a paz,
varrer da face do mundo
regimes ditatoriais
e democratizar todas
as terras continentais
a começar pelos sexos
das meninas nacionais.

Iniciou-se então a fase
de convocação e treino
todos os dias na Base.
Ah! com que pressa aprendíeis,
só pela conversa quase!
Dentro de menos de um mês
sabíeis falar inglês.

E os presentes? Os presentes
eram vossa tentação
coisas que causavam aqui
inveja e admiração:
bolsas plásticas, a blusa
de alvas rendas do Havai,

de los garbosos oficiales,
del segundo equipo vasto
de los fusileros navales
prontos a entregar la vida
para conseguir la paz,
borrar de la faz del mundo
régimenes dictatoriales
y democratizar todas
las tierras continentales
comenzando por los sexos
de las niñas nacionales.

Se inició entonces la fase
de convocación y entrenamiento
todos los días en la Base.
Ah! Con qué rapidez aprendisteis
Sólo con la conversación casi!
En menos de un mes,
sabíais hablar inglés.

¿Y los regalos? Los regalos
Eran vuestra tentación
cosas que causaban aquí
envidia y admiración:
bolsas plásticas, la blusa
de albos encajes de Hawaii,

bicicletas *made in USA*,
verdes óculos *Ray Ban*.
Era um presente de noite
e outro dado de manhã,
verdadeiras maravilhas
da indústria de Tio Sam.
E as promessas? As promessas
eram vossa sedução.
Acreditáveis que elas
não eram mentira, não.
Um *Frazer* no aniversário,
passeios de *Constellation*,
num pulo alcançar Miami,
almoçar na Casa Branca,
descer na Quinta Avenida,
fazer *piquet* pela Broadway
ver a *première* no Cine
junto dos artistas, com
eles todos na plateia.
Ouvir na *Opera House*,
numa noite Toscanini,
na outra noite Lili Pons.

Com tanto *it* e juventude
podíeis testes ganhar,
ser estrelas de Hollywood,

bicicletas Made in USA,
verdes anteojos Ray Ban.
Era un regalo de noche
y otro dado en la mañana,
verdaderas maravillas
de la industria del Tío Sam.
¿Y las promesas? Las promesas
eran vuestra seducción.
Asegurábais que ellas
no eran mentiras, no.
Un *Frazer* en aniversarios,
paseos en *Constellation*,
un salto a alcanzar Miami,
almorzar en la Casa Blanca,
descender en la Quinta Avenida,
hacer *piquet* en la Broadway,
ver la *première* en el Cine
junto a los artistas, con
todos ellos en la platea.
Escuchar, en el *Opera House*,
una noche a Toscanini
y otra noche a Lili Pons.

Con tanto *it* y juventud
podíais pruebas ganar,
ser estrellas de Hollywood,

ciúmes de Hedy Lamarr.
Ah! bom tempo em que corríeis,
“pés descalços, braços nus,
atrás das asas ligeiras
das borboletas azuis”.
Ó prematuras mulheres,
fostes, na velocidade
dos *jeeps*, às *garçonnières*
da Praia da Piedade.
Quase que se rebentavam
vossos úteros infantis
quando veio o telegrama
da tomada de Paris.

Ingênuas meninas grávidas,
o que é que fostes fazer?
Apertai bem os vestidos
pra família não saber.
Que os indiscretos vizinhos
vos percam também de vista.
Saístes do pediatra
para o ginecologista.

Babies saxonizados,
que só mamam vitaminas,
são vossos *babies*, meninas,

celos de Hedy Lamarr.
Ah! Buen tiempo en que corríais
“pies descalzos, brazos desnudos,
detrás de alas ligeras
de mariposas azules”.
Oh prematuras mujeres,
fuisteis, en la velocidad
de los *jeeps*, a las *garçonnères*
de la Playa de Piedad.
Casi se reventaban
vuestros úteros infantiles
cuando vino el telegrama
de la caída de París.

Ingenuas niñitas grávidas,
¿qué es lo que fuisteis a hacer?
Apretad bien los vestidos
para que la familia no sepa.
Que los indiscretos vecinos
os pierdan también de vista.
Salisteis del pediatra
para ir al ginecólogo.

Babies saxonizados,
que sólo maman vitaminas,
vuestros *babies*, pequeñas,

em vários cantos gerados,
mas *mapples* dos automóveis,
no interior das cantinas,
da praia na branca areia,
em noites sem lua cheia.

Meninas, tristes meninas,
vossos dramas recordai
quando eles no armistício,
vos disseram *Good bye*.
Ouvireis a vida toda
a ressonância do choro
dos vossos filhos sem pai.

en distintos lugares generados,
en los *mapples* de los automóviles,
al interior de las cantinas,
en la playa de blancas arenas,
en noches sin luna llena.

Niñitas, tristes niñitas,
vuestrs dramas recordáis
cuando ellos en el armisticio
os dijeron *Good bye*.
Tendreis toda la vida
la resonancia del llanto
de vuestros hijos sin padre.

HUMILDADE

Que a voz do poeta nunca se levante
para ter ressonâncias nas alturas.

Que o canto, das contidas amarguras,
somente seja a gota transbordante.

Que ele, através das solidões escuras
do ser, deslize no preciso instante.
Saia da avena do pastor errante,
sem aplausos buscar de outras criaturas.

Que o canto simples, natural, rebente,
água da fonte límpida, do fundo
da alma, de amor e de humildade cheio.

Que o canto glorificará somente
a origem, quando mais ninguém no mundo
saiba ele de quem foi ou de onde veio.

HUMILDAD

Que la voz del poeta nunca se levante
para tener resonancia en las alturas.
Que el canto, de las contenidas amarguras
sólo sea la gota desbordante.

Que él, a través de soledades oscuras
del ser, deslice en el preciso instante,
Salga de la flauta del pastor errante,
sin aplauso buscar de otras criaturas.

Que el canto simple, natural, estalle,
agua de fuente limpia, del fondo
del alma, de amor y de humildad lleno.

Que el canto glorificará solamente
al origen, cuando nadie más en el mundo
sepa de quién fue o de dónde vino.

VELÓRIO

A MESA

A mesa limpa. Aonde foram
os seus convivas ? À longa
sesta. Outros, cambaleantes,
rondam o abismo do sono.
(Matou-lhes a mesa a fome
infantil das sobremesas.)

Elástica no casamento
do bisavô, mais agora.
Tomou a elasticidade
que a morte dá. Espichou-se
a mesa que, mesmo viva,
era um palco de velórios.

Os talheres assassinos,
no lastro, as carnificinas.
Cardápios pingando sangue.
As barbatanas no azeite.
Os voos no molho pardo.

VELORIO

A MESA

La mesa despejada. ¿A dónde fueron
sus invitados? A una larga
siesta. Otros, tambaleantes,
rondan el abismo del sueño.
(¿Les mató la mesa el hambre
infantil de los postres?)

Elástica en el casamiento
del bisabuelo, más ahora.
Tomó la elasticidad
que da la muerte. Se estiró
la mesa que, aunque viva,
era un escenario de velorios.

Los cubiertos asesinos,
en el lastre, las carnicerías.
Cartas goteando sangre.
Las aletas en aceite.
Los vuelos en aliño pardo.

(Decisões familiares,
cartas de jogo, outras cartas
escritas na cabeceira.)

Tíbias cruzam-se debaixo,
mas, com suas pernas secas,
move-se a mesa, a mesa anda
na sala mal-assombrada.

A mesa range e o rangido
não é a dor da madeira.

(A toalha, a mortalha branca,
e, em cima da mesa, a poeira
dos comensais deglutidos.)

(Decisiones familiares,
cartas de juego, otras cartas
escritas en la cabecera.)

Tibias se cruzan debajo,
mas, con sus piernas secas,
se mueve la mesa, la mesa anda
en la sala mal asombrada.

La mesa cruje y el crujido
no es el dolor de la madera.

(El mantel, la mortaja blanca,
y, sobre la mesa, el polvo
de los comensales deglutidos.)

A TECELÃ

Toca a sereia na fábrica,
e o apito como um chicote
bate na manhã nascente
e bate na tua cama
no sono da madrugada.

Ternuras da áspera lona
pelo corpo adolescente.
É o trabalho que te chama.
Às pressas tomas o banho,
tomas teu café com pão,
tomas teu lugar no bote
no cais de Capibaribe.

Deixas chorando na esteira
teu filho de mãe solteira.
Levas ao lado a marmita,
contendo a mesma ração
do meio de todo o dia,
a carne-seca e o feijão.

De tudo quanto ele pede,
dás só bom-dia ao patrão,

LA TEJEDORA

Toca la sirena de la fábrica
Y el silbido como un látigo
golpea en la mañana naciente
y golpea en tu cama
en el sueño de madrugada.

Ternuras de áspera lona
por el cuerpo adolescente.
Es el trabajo que te llama.
De prisa tomas el baño,
tomas tu café con pan,
tomas tu lugar en el bote
en el muelle del Capibaribe.

Dejas llorando en la estera
tu hijo de madre soltera.
Llevas al lado la marmita,
conteniendo la misma ración
del medio de todo el día,
la carne seca y el frijol.

De todo cuanto él pide
das sólo buen día al patrón,

e recomeças a luta
na engrenagem da fiação.

Ai, tecelã sem memória,
de onde veio esse algodão?
Lembras o avô semeador,
com as sementes na mão,
e os cultivadores pais?
Perdidos na plantação
ficaram teus ancestrais.
Plantaram muito. O algodão
nasceu também na cabeça,
cresceu no peito e na cara.

Dispersiva tecelã,
esse algodão quem colheu?
Tuas pequenas irmãs,
deixando a infância colhida
e o suor infantil e o tempo
na roda da bandoleira
para fazer-te fiandeira.

Ai tecelã perdulária,
esse algodão quem colheu?
Muito embora nada tenhas,
estás tecendo o que é teu

y recomienzas la lucha
en el engranaje de la hilandería.

Ay, tejedora sin memoria,
¿de dónde vino ese algodón?
¿Recuerdas al abuelo sembrador,
con las semillas en la mano,
y los padres cultivadores?
Perdidos en la plantación
quedaron tus ancestros.
Plantaron mucho. El algodón
nació también en la cabeza,
creció en el pecho y la cara.

Dispersiva tejedora,
ese algodón ¿quién lo recogió?
Tus pequeñas hermanas,
dejando la infancia cogida
y el sudor infantil y el tiempo
en la rueda de la cosechadora
para hacerte hilandera.

Ay, tejedora perdularia,
ese algodón ¿quién lo cogió?
Aunque nada tengas,
estás tejiendo lo que es tuyo.

Teces tecendo a ti mesma
na imensa maquinaria,
como se entrasses inteira
na boca do tear e desses
a cor do rosto e dos olhos
e o teu sangue à estamparia.

Os fios dos teus cabelos
entrelaças nesses fios
e outros fios dolorosos
dos nervos de fibra longa.

Ó tecelã perdulária,
enroscas-te em tanta gente
com os ademanos ofídicos
da serpente multifária.

A multidão dos tecidos
exige-te esse tributo.
Para ti, nem sobra ao menos
um pano preto de luto.

Vestes as moças da tua
idade e dos teus anseios,
mas livres da maldição
do teu salário mensal,

Tejes tejiendo a ti misma
en la inmensa maquinaria
como si entraras entera
en la boca del telar y dieras
el color del rostro y de ojos
y tu sangre al estampado.

Los hilos de tus cabellos
entrelazas en esos hilos
y otros hilos dolorosos
de nervios de fibra larga.

Oh tejedora perdularia
te enroscas en tanta gente
como los ademanos ofídicos
de la serpiente multiforme.

La multitud de tejidos
te exige ese tributo.
Para ti, ni sobra al menos
un paño negro de luto.

Vistes a las mozas de tu
edad y de tus ansias,
pero libres de la maldición
de tu salario mensual,

com o desconto compulsório,
com os infalíveis cortes
de uma teórica assistência,
que não chega na doença,
nem chega na tua morte.

Com essa policromia
de fazendas, todo o dia,
iluminas os passeios,
brilhas nos corpos alheios.

E essas moças desconhecem
o teu sofrimento têxtil,
teu desespero fabril.

Teces os vestidos, teces
agasalhos e camisas,
os lenços especialmente
para adeus, choro e coriza.

Teces toalhas de mesa
e a tua mesa vazia.

Toca a sereia da fábrica,
E o apito como um chicote
bate neste fim de tarde,

con el descuento compulsorio,
con los infalibles cortes
de una teórica asistencia
que no llega en la dolencia
ni llega en tu muerte.

Con esa policromía
de tejidos, todo el día,
iluminas los paseos,
brillas en cuerpos ajenos.

Y esas mozas desconocen
tu sufrimiento textil,
tu desesperación fabril.

Tejes los vestidos, tejes
abrigos y camisas,
los pañuelos especialmente
para despedidas, llanto y moqueo.

Tejes manteles de mesa
y tu mesa vacía.

Toca la sirena de la fábrica,
y el silbato, como un látigo
golpea en este fin de tarde,

bate no rosto da lua.
Vais de novo para o bote.
Navegam fome e cansaço
nas águas negras do rio.

Há muita gente na rua
parada no meio fio.
Nem liga importância à tua
blusa rota de operária.
Vestes o Recife, e voltas
para casa, quase nua.

golpea el rostro de la luna.
Vas de nuevo hacia el bote.
Navegar hambre y cansancio
en aguas negras del río.

Hay mucha gente en la calle
detenida en la acera.
Ni da importancia a tu
blusa rota de operaria.
Vistes a Recife, y regresas
a casa, casi desnuda.

A POTRANCA

Era uma vez uma potranca branca
e alazã, flor quadrúpede e equina.

Era uma vez uma potranca pampa.
Fazia voar nos cascos a campina.

De mulher tinha o cheiro das axilas
e a cor da vulva no vigor das ancas.
A energia brotava das narinas,
do suor dos pelos da potranca pampa.

Era uma vez a filha do Centauro,
quase aérea, suspensa pelas crinas,
a nostalgia do primeiro páreo.

Dor de vê-la cair na pista intacta,
morta e atenta à partida sobre os quatro
galopes paralíticos nas patas.

LA POTRANCA

Era una vez una potranca blanca
y alazana, flor cuadrúpeda y equina.
Era una vez una potranca pampa.
Hacía volar en sus cascos la campiña.

De mujer tenía el olor de las axilas
y el color de la vulva en el vigor de las ancas.
La energía brotaba de las narices,
del sudor de los pelos de la potranca pampa.

Era una vez la hija del Centauro,
casi aérea, suspendida por las crines,
la nostalgia de la primera carrera.

Dolor de verla caer en la pista intacta,
muerta y atenta a la partida sobre los cuatro
galopes paralíticos en las patas.

PÁSSARO DO MUSEU DO GINÁSIO PERNAMBUCANO

Flecha ferida pela flecha implume,
era um pássaro morto, mas eterno.

Não cáira: voara até na queda.

Era o veloz cativo no suporte

do Museu, base da revoada. Era
a didática morte incompetente
ante a ressurreição de palha e pluma.

Era a janela: a gameleira e o rio,

era o céu do Recife, era o convite
para enxugar o sangue dos trajetos
e o canto vivo libertar do bico.

E o pássaro viril, de asas abertas,
só não voava sob o peso nelas
de uma carga de voo e de infinito.

PÁJARO DEL MUSEO DEL GIMNASIO PERNAMBUCANO

Flecha herida por la flecha implume,
era un pájaro muerto, pero eterno.
No cayó: voló hasta en la caída.
Era el veloz cautivo en el soporte

del Museo, base del revolar. Era
la didáctica muerte incompetente
ante la resurrección de paja y pluma.
Era la ventana: el ficus y el río,

era el cielo de Recife, era el convite
para secar la sangre de los trayectos
y el canto vivo libertar el pico.

Y el pájaro viril, de alas abiertas,
sólo no volaba bajo el peso
de una carga de vuelo y de infinito.

PASTORAL

Não disse de onde veio. Apenas veio
quase flutuante pela madrugada.

A flauta e um zelo musical em cada
ovelha e em todas do seu pastoreio.

Toca. (Para o rebanho?) A sua toada
interrompe-se às vezes pelo meio.

Dela não quer somente o vale cheio:
quer levá-la mais longe. Quando nada

houver mais dos cordeiros e dos pastos,
do viço matinal, dos brancos rastos
de lã, dos guizos de uma ovelha incauta,

fique a lembrança do pastor fugace,
que foi pastor só para que ficasse
nas colinas a música da flauta.

PASTORAL

No dijo de dónde vino. Solo vino
casi flotante por la madrugada.
La flauta y un celo musical en cada
oveja y en todas de su redil.

Toca. (¿Para el rebaño?) Su tonada
se interrumpe a veces en el medio.
De ella no quiere solamente un valle lleno:
quiere llevarla más lejos. Cuando nada

quede de los corderos y de los pastos,
de la frescura matinal, de los blancos rastros
de lana, de los cascabeles de una oveja incauta,

quede el recuerdo del pastor fugaz,
que fue pastor sólo para que quedase
en las colinas la música de flauta.

AS ANDORINHAS

Torre feita de cantos e de plumas
ou feitas de argamassa as andorinhas?
A simbiose do pouso nos litúrgicos
beirais e a migração de alvenaria.

Era a torre da igreja ornitológica,
onde a cor da manhã se suspendia.
Era uma ave de bronze na gaiola,
era a língua do sino presa à corda.

Mas quando, no intervalo dessa pena,
no seu repique matinal batia,
era a coletivíssima revoada:

asas de cal e músicas de penas
caindo todas pelo chão da praça
como se a torre se despedaçasse.

LAS GOLONDRINAS

Torre hecha de cantos y de plumas
¿o hechas de argamasa las golondrinas?
La simbiosis del posar sobre los litúrgicos
aleros y la migración de albañilería.

Era la torre de iglesia ornitológica
donde el color de la mañana se colgaba.
Era un ave de bronce en la jaula,
era la lengua de la campana sujeta a la cuerda.

Pero cuando, en el intervalo de esa pena
en su repique matinal batía
era un colectivo revuelo:

alas de cal y música de plumas,
cayendo todas al suelo de la plaza
como si la torre se despedazara.

O CÃO

É um cão negro. É talvez o próprio Cão
assombrado e fazendo assombração.

Estraçalha o silêncio com seus uivos.

A espada ígnea do olhar na escuridão

separa a noite, abre um canal no escuro.

Cão da Constelação do Grande Cão,

tombado no quintal, espreita o pulo:

duendes, fantasmas de ladrão no muro.

O latido ancestral liberta a fome

de tempo, e o cão, presa do faro, come

o medo e a treva. Agita-se, devora

sua ração de cor. Pois, louco e uivante,

lambe os pontos cardeais, morde o levante

e bebe o sangue matinal da aurora.

EL CAN

Es un can negro. Es tal vez el propio Can
asombrado y haciendo asombraciones.

Despedaza el silencio con sus aullidos.

La espada ígnea del mirar en la oscuridad

separa la noche, abre un canal en lo oscuro.

Can de la Constelación del Gran Can,

caído en el huerto, espía el salto:

duendes, fantasmas de ladrón en el muro.

El latido ancestral libera el hambre

del tiempo, y el can, presa del instinto, come

el miedo y la tiniebla. Se agita, devora

su ración de color. Después, loco y aullante,

lame los puntos cardinales, muerde el levante

y bebe la sangre matinal de la aurora.

ANTILUA

Noite, luz putrefata, noite acéfala,
noite decapitada de antilua,
vieste da origem para a eternidade.
Rebentas logo com teu viço negro,

com tuas sombras, vegetal, do chão,
e cresces logo pelos campos cegos.
Noite urbana, subindo pelas casas,
tombas dos postes de iluminação.

Mordida pelos cães, dilacerada
pelos bicos dos galos, flagelada
pelo branco lençol da moça insone,

resistes dentro do refúgio escuro,
enquanto a aurora divisora ensaia
lento pulo de cor pelos teus muros.

ANTILUNA

Noche, luz putrefacta, noche acéfala,
noche decapitada de antiluna,
viniste del origen a la eternidad.
Revienta de inmediato con tu vigor negro,

con tus sombras, vegetal, de suelo,
y creces luego por los campos ciegos.
Noche urbana, subiendo por las casas,
Caes de los postes del alumbrado.

Mordida por los canes, dilacerada
por los picos de los gallos, flagelada
por la blanca sábana de la moza insomne,

resistes dentro del refugio oscuro,
en cuanto la aurora divisoria ensaya
lento salto de color por tus muros.

O RIO

Seja o tempo qual for, é sempre novo,
nas margens livres e entre os duros cais.

Na mata ou avançando pelas ruas,
tem boiantes pudores fluviais.

Nada mais de uma vez ele reflete,
deixando a coisa refletida atrás.

Tange a si mesmo o rio, pois de suas
águas nenhuma gota se repete.

EL RÍO

Sea el tiempo que fuere, es siempre nuevo,
en las orillas libres, y entre los duros muelles.

En el bosque o avanzando por las calles,
tiene flotantes pudores fluviales.

Nada más de una vez él refleja,
dejando atrás la cosa reflejada.

Tañe a sí mismo el río, pues de sus
aguas ninguna gota se repite.

O MORTO NA CAMA

Não a mulher: tu mesmo
a teu lado na cama.
A cama delibera:

o mosquiteiro, o circo,
o domingo, o trapézio,
o colchão reverdece.

Viras de um lado e de outro.
E a cama solidária
range. Gemido ou canto?

O encolhimento: a fuga
do homem para o que foi.
Nas manhãs renascias.

E essas vozes noturnas:
as corujas, a flauta,
as canoas no rio?

A roupa nua, as pernas
da calça paralíticas.
Cabide e crucifixo.

EL MUERTO EN LA CAMA

No la mujer: tú mismo
a tu lado en la cama.
La cama delibera:

el mosquitero, el circo,
el domingo, el trapecio,
el colchón reverdece.

Giras de un lado a otro.
Y la cama solidaria
cruje. ¿Gemido o canto?

El encogimiento: la fuga
del hombre hacia lo que fue.
En las mañanas renacías.

Y esas voces nocturnas:
¿los búhos, la flauta,
las canoas en el río?

La ropa desnuda, las piernas
de los pantalones paralíticas.
Percha y crucifijo.

A claraboia, o ensaio
de voo da janela.
As asas de madeira

batem e não ouvem.
O cheiro das resinas,
a mão na cabeceira,

o copo, o livro pelo
meio, o relógio vivo,
nostalgia da insônia.

Nas manhãs renascias.
Em todas; jamais nesta
de pesadelo e treva.

O teu lençol flutuante,
como um tapete mágico,
aonde vai e te leva?

La claraboya, el ensayo
de vuelo desde la ventana.
Las alas de madera

golpean y no escuchan.
El olor de las resinas,
la mano en la cabecera,

el vaso, el libro por el
medio, el reloj vivo,
nostalgia de insomnio.

En las mañanas renacías.
En todas; nunca en esta
de pesadilla y tiniebla.

Tu sábana fluctuante,
como una alfombra mágica,
¿a donde va y te lleva?

OS EPITÁFIOS

As unhas subterrâneas cavam gretas
no muro confinado, mudo e calvo,
O húmus das frases equilibra as letras
nas pontas vegetais das falangetas.

Germina a clorofila o abecedário
dos homens, das mulheres, dos meninos
sem nome. Os endereços e epitáfios
rastejam na semântica dos limos,

no alfabeto nascente em murais frios.
De herbívoros a fome ronda o viço
verde no branco. (Lua, cal e relva.)

O muro, a noite, a solidão, o tempo,
e essas caladas vozes dos silêncios,
o inaudível falar do musgo e da hera.

LOS EPITAFIOS

Las uñas subterráneas cavan grietas
en el muro limitado, mudo y calvo.
El humus de las frases equilibra las letras
en las puntas vegetales de las falangetas.

Germina la clorofila el abecedario
de los hombres, de las mujeres, de los niños
sin nombre. Las direcciones y los epitafios
rastrear en la semántica de los musgos,

en el alfabeto naciente en murales fríos.
De herbívoros el hambre ronda el vigor
verde sobre el blanco. (Luna, cal y hierba).

El muro, la noche, la soledad, el tiempo,
Y esas calladas voces de los silencios,
el inaudible hablar del musgo y de la hiedra.

OS DENTES

(A escova, a pasta, o bochecho,
a boca aberta no espelho.)

Dentro do bolso
do morto
o vidro
de dentifício.

O morto em dissolução,
e os dentes
sobreviventes
ainda mastigarão.

Não só o rosto
e as gengivas.

Morto o morto,
e os dentes vivos,
sem cáries,
certos, nas feiras
dos limpos maxilares,
os dentes
sobreviventes.

LOS DIENTES

(El cepillo, la pasta, la gárgara,
la boca abierta en el espejo).

Dentro del bolsillo
del muerto
el tubo
de dentífrico.

El muerto en disolución,
y los dientes
sobrevivientes
todavía masticarán.

No sólo el rostro
y las encías.

Muerto el muerto
y los dientes vivos,
sin caries,
correctos, en las hileras
de los limpios maxilares,
los dientes
sobrevivientes.

Tempo feito carne e osso
a dentadura tritura.

Morto o morto
ruminante.

Tiempo como carne y hueso
la dentadura tritura.

Muerto el muerto
rumiante.

SONETO PLUMÁRIO

No espaço a inquieta pluma rodopia,
rodopia no espaço a pluma inquieta.
Na haste, a gota de sangue da agonia
oscilante no espírito da queda.

O espaço é grande e azul demais para essa
pluma plainando solitária e fria
sob o teto de abril, a coisa aérea,
leve, levada pela ventania

para o chão, aproxima-se suave,
nota de canto, ainda um pouco da ave,
quando afinal termina o giro e pausa,

vê-se que a pluma exânime, caída,
era música e sal, era o gemido
migrante da asa e a lágrima do voo.

SONETO PLUMARIO

En el espacio la inquieta pluma gira,
gira en el espacio la pluma inquieta.
En el asta, la gota de sangre de agonía
oscilante en el espíritu de la caída.

El espacio es grande y demasiado azul para esa
pluma planeando solitaria y fría
bajo el techo de abril, la cosa aérea,
leve, llevada por la ventolera

para el suelo, se aproxima suave,
nota de canto, aún un poco ave,
cuando al final termina el giro y posa,

se ve que la pluma exánime, caída,
era música y sal, era el gemido
migrante de ala y lágrima de vuelo.

A SEMENTE

A semente na mão,
semente do amanhã,
de copa, sombra e cor.

Que homens e passarinhos
aqui germinarão?

A semente da fruta
e da mesa,
da porta e do caixão,
resvala no amanhã:
entra no chão.

LA SEMILLA

La semilla en la mano
semilla del mañana,
de copa, sombra y color.

¿Qué hombres y pajaritos
aquí germinarán?

La semilla de la fruta
y de la mesa,
de la puerta y del ataúd,
resbala en el mañana:
entra en el suelo.

A RENDEIRA

De onde a origem feira
da família rendeira?
Onde a ponta do fio
de atavismo e atavio?

E onde o fim? Mãe e filha
puxam a mesma linha
que, ao mesmo tempo, é
de gente e carretel

e se encolhe e se estica
pela estrada do pique,
mapa-múndi de pano
de habitantes humanos,

os dedos da rendeira
e os dedos de madeira,
essas mãos decepadas,
esses bilros de carne,

a sonata e a encomenda
na música das rendas.
Branco no branco, pintam
a paisagem dos bicos,

LA ENCAJERA

¿De dónde el origen hilandero
de la familia encajera?
¿Dónde la punta de hilo
de atavismo y atavío?

¿Y dónde el fin? Madre e hija
tiran el mismo hilo
que, al mismo tiempo, es
de gente y de carrete

y se encoge y se estira
por la carretera del corte,
mapamundi de paño
de habitantes humanos,

los dedos de la encajera
los dedos de la madera,
esas manos cortadas,
esos bolillos de carne,

la sonata y la encomienda
en la música de los encajes.
Blanco sobre blanco, pintan
el paisaje de los picos,

gravura e melodia,
esculturas de fio,
multiforme painel
novelo e carretel.

Emigra da almofada
como um rio na toalha.
Longo nervo viajero,
de matriz na rendeira,

comunica-se às peças
do uso de outras mulheres,
cobre seios, enrola-se
em vestidos e estolas.

Horas a fio, na esteira
permanece a rendeira,
entre o chão e a janela,
com seu mundo entre as pernas.

grabado y melodía,
esculturas de hilo,
multiforme panel
ovillo y carrete.

Emigra de la almohada,
como un río en la toalla.
Largo nervio viajero
de matriz en la encajera,

recomunica las piezas
de uso de otras mujeres,
cubre senos, se enrolla
en vestidos y estolas.

Horas sin fin en la estera
permanece la encajera,
entre el suelo y la ventana,
con su mundo entre las piernas.

O ESPELHO

Na parede da sala,
essa porta de vidro,
ou somente a parede
e essa porta fingida?

Diante dela fica
o duplo cara a cara.
Torna-se, ao mesmo tempo,
prisioneiro e testemunha

dessa prisão perpétua,
desse exílio no espelho
irônico, liberto
de não ser o que era.

Quem vai ao próprio encontro
de cada vez é outro
no cristal da Boêmia
e na moldura de ouro.

É a autocompanhia
nessa peça da casa,
exígua, todavia,
mais profunda e habitada.

EL ESPEJO

En la pared de la sala
esa puerta de vidrio,
¿o solamente la pared
y esa puerta fingida?

Delante de ella queda
el doble cara a cara.
Se vuelve, al mismo tiempo,
prisionero y testigo

de esa prisión perpetua,
de ese exilio en el espejo
irónico, libre
de no ser lo que era.

Quien va al propio encuentro
de cada vez es otro
en el cristal de Bohemia
y en la moldura de oro.

Es la autocompañía
en esa pieza de la casa,
exigua, todavía,
más profunda y habitada.

Quem bate do outro lado
dessa porta? Quem chama?
Que substância mora
no cristal e no estanho?

¿Quién golpea del otro lado
de esa puerta? ¿Quién llama?
¿Qué sustancia vive
en el cristal y el estaño?

O MURO

Ninguém lhe sabe a estrutura
nem a dimensão mural
com raízes e alicerces
além da pedra e da cal.

Nele, só passeiam fósseis
lagartixas matinais.
Sanguíneos rastros das quedas
de escalantes profissionais

no verde seco das heras
ainda se podem ver.
Muro enigma, fronteira
entre este lado e o quê?

EL MURO

Nadie le conoce la estructura
ni la dimensión mural
con raíces y cimiento
más allá de piedra y cal.

En él, solo pasean fósiles
lagartijas matinales.
Sanguíneos rastros de caídas
de escaladores profesionales

en el verde seco de las hiedras
todavía se pueden ver.
Muro enigma, frontera
entre este lado y qué?

CANÇÃO

Para aonde fui? Ou essa
música de onde veio?
Uma flauta divide
a noite pelo meio.

ITINERANTE

Vou em busca do ter-ido.
Desapareço no espaço.
Fico de novo perdido.
Procuro-me, e não me acho.

CANCIÓN

¿A dónde fui? O esa
música ¿de donde vino?
Una flauta divide
la noche por el medio.

ITINERANTE

Voy en busca de haber ido.
Desaparezco en el espacio.
Quedo de nuevo perdido.
Me busco y no me hallo.

O FUZILADO

Um límpido clarão antes do fogo.

– Com o peito sangrante na agonia,
que recompensa começou a ter?

– O que, através do muro, ele antevia?

– O que somente os olhos já cerrados,
que se fecham na morte, podem ver.

OS INQUILINOS

Nos quartos da casa
moram os fantasmas
dos avós
inquilinos. Mais
que a gente, têm medo
de ficar sós.

EL FUSILADO

Un límpido destello antes del fuego.

– Con el pecho sangrante en la agonía,
¿qué recompensa comenzó a tener?

–¿O qué, a través del muro, preveía?

– Lo que sólo los ojos, ya cerrados,
que se cierran en la muerte, pueden ver.

LOS INQUILINOS

En los cuartos de la casa
habitan los fantasmas
de los abuelos
inquilinos. Más
que la gente, tienen miedo
de quedar solos.

DESENHOS DE BICHOS

O GALO

É a noite negra e é o galo rubro,
da madrugada o industrial.

É a noite negra sobre o mundo
e o galo rubro no quintal.

A noite desce, o galo sobe,
plumas de fogo e de metal,
desfecha golpe sobre golpe
na treva indimensional.

Afia os esporões e o bico,
canta o seu canto auroreal.
O galo inflama-se e fabrica
a madrugada no quintal.

DIBUJOS DE BICHOS

EL GALLO

Es la noche negra y el gallo rojizo,
de madrugada o industrial.

Es la noche negra sobre el mundo
y el gallo rojizo en el huerto.

La noche desciende, el gallo sube,
plumas de fuego y de metal,
descarga golpe sobre golpe
en la tiniebla indimensional.

Afila las espuelas y el pico,
canta su canto auroral.

El gallo se inflama y construye
la madrugada en el huerto.

O GALO E O CATA-VENTO

Pousa no topo da haste como peça
branca do cata-vento, na cumeeira
da casa. O cata-vento gira, e o galo
mudo, esculpido em folha, só, no aéreo

poleiro, também gira, gira, gira.
Ventos catados pelo cata-vento
tentam levá-lo. O galo, todavia,
não vai. (Come as rações da ventania.)

Permanece trepado no mirante.
Estica, às vezes, o pescoço de aço
– para aonde? Cego e preso, pelo espaço

o que procura? Espreita a madrugada
em que lhe possam rebentar o canto
e o voo metalúrgico das asas.

EL GALLO Y LA VELETA

Posa al tope de la vara como pieza
blanca de la veleta, en la cumbre
de la casa. La veleta gira y el gallo
mudo, esculpido en hoja, solo, en la aérea

vara, también gira, gira, gira.
Vientos recogidos por la veleta
tratan de llevarlo. El gallo, todavía,
no va. (Come las raciones de la ventolera.)

Permanece trepado en el mirador.
Estira, a veces, el cogote de acero
—¿hacia dónde? Ciego y preso, ¿que busca

en el espacio? Espía a la madrugada.
en que le puedan reventar el canto
y el vuelo metalúrgico de las alas.

DA MEMÓRIA

ARTE POÉTICA

Elabora o poema como
a fruta elabora os gomos,
a fruta elabora o suco,
a fruta elabora a casca,
elabora a cor e sobre-
tudo elabora a semente.

DA MEMORIA

ARTE POÉTICA

Elabora el poema como
la fruta elabora los gajos,
la fruta elabora el jugo,
la fruta elabora la cáscara,
elabora el color y sobre
todo elabora la semilla.

- Composto em Vendetta 12/17 pt; notas, 9/13 pt.

